

# Seremos salvos ou teremos que nos salvar?

*Zaqueu, porém, levantando-se, disse ao Senhor: Eis aqui, Senhor, dou aos pobres metade dos meus bens; e se em alguma coisa tenho defraudado alguém, eu lho restituo quadruplicado. **Disse-lhe Jesus: Hoje veio a salvação a esta casa, porquanto também este é filho de Abraão. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.** (Jesus - Lc 19:8-10)*

## Prefácio

Este estudo é um tanto quanto polêmico, pois segundo a defesa de alguns de que não precisamos mais nos esforçar em sermos pessoas melhores, pois como já definimos de que **'a fé sem obras é morta'**, bem como o caráter de julgamento de que será dado **'a cada um segundo as suas obras'** no texto **'A fé sem obras está morta'**. Entendemos que temos que nos esforçar em adentrar na porta estreita das virtudes, a fim de que possamos buscar a salvação, não esperando uma salvação já adquirida com o sacrifício de Jesus. Iremos definir que devemos percorrer na busca incessante das virtudes vividas pelo Mestre, conforme os tópicos abaixo.

* Considerações Preliminares .....	2
1. A Porta estreita e a Porta larga - Devemos nos esforçar? .....	2
2. As duas opções, nos esforçar, ou ficar com os braços cruzados! .....	4
3. A antiga lei disciplinar e um novo ensinamento .....	6
4. A eternidade de uma prisão temporária .....	8
5. O entendimento de uma conjunção diante de falsas premissas .....	8
6. Afinal, o que ensina Mateus 5:21-26? .....	14
7. A primeira e a segunda revelação, não haveria a terceira? .....	15
8. Jesus daria o conhecimento das coisas vindouras após a Sua ressurreição? Mas não seria o Consolador? .....	16
9. A parábola do Jovem Rico e o seu real sentido .....	19
10. O objetivo do Espírito da Verdade .....	26
11. A parábola do administrador infiel e uma explanação sobre este assunto correlato .....	27
12. O Reino dos Céus está ou não dentro de nós? O que realmente Jesus quis dizer com este ensinamento aos Fariseus de outrora e modernos .....	41
13. A Transubstanciação e a análise de Torres Pastorino .....	45
14. Ezequiel combate o pecado original e as penas eternas! .....	57
15. O sentido de salvação apresentado por Jesus a Zaqueu .....	62
* Considerações finais .....	64

## \* Considerações Preliminares

Este tema é muito polêmico, principalmente quando se trata do salvacionismo paulino pregado em muitas correntes religiosas. O que iremos estabelecer é que o que foi pregado por Jesus é a necessidade de praticarmos a seu evangelho e que esta prática será o critério de salvação estabelecido pelo Mestre, já que sabemos que o caráter de julgamento é 'a cada um segundo as suas obras'. Ademais, as passagens de Lc 13:22-30 e Mt 7:13-14, estas se referem a um ensinamento muito mais profundo e nosso objetivo aqui será esclarecer. Sabemos que pela fé muitos foram curados e Jesus em muitas ocasiões dizia 'tua fé te curou' ou ainda 'crê e serás salvo tu e tua casa' a essas pessoas que passavam pelo processo de cura, bem como podemos verificar nas passagens Lc 8:50; Lc 9:56; Mc 8:35; Lc 17:33; Lc 9:24; Mc 5:34; Mc 13:20; Lc 2:30; Lc 3:6 Jo 4:22; Lc 19:9; Lc 1:69; Mt 20:28.

### 1. A Porta estreita e a Porta larga - Devemos nos esforçar?

Transcorrendo nessa análise, há o símbolo da Porta Estreita segundo o qual é pelas virtudes que seremos julgados e medidos para recebermos o galardão (Mt 24). A conquista das virtudes está ligada ao esforço de cada um. A simbologia da Porta Larga, ao contrário, está ligada à falta de esforço e trás a perdição pelas nossas paixões e imperfeições. Teríamos que nos esforçar sim, por adentrar nas virtudes celestes e como bem sabemos de que em uma vida somente seria praticamente impossível e desta maneira que teríamos que nos esforçar para domarmos as nossas más inclinações, conhecendo a nós mesmos e procurarmos a prática do Evangelho para engendrar o merecimento do patamar que alcançarmos, diante do exemplo deixado pelo Mestre, praticado por nós mesmos, e não por lábios, mas pelos nossos próprios atos e esforços que fizermos, uns para com os outros. A responsabilidade é sempre nossa, e nossa entrada pela Porta estreita ou Porta larga deve ser feita por nós.

Contudo, os salvacionistas dizem que o "Cristo, ao invés de negar o que os próprios discípulos perguntaram, se serão "...poucos os que são salvos? (Lc 13:23), antes confirma esta assertiva, pois muitos procurarão entrar e não poderão. (Lucas 13:24). e isto Jesus diz logo após o conselho para que nos esforcemos para entrar pela porta estreita, confirmando que, mesmo muitos tendo se esforçado, naquele dia ficarão de fora." Ou seja, segundo os salvacionistas, Jesus orienta que nos esforcemos para entrar pela porta estreita e mesmo que muitos tendo se esforçado, naquele dia ficarão de fora. Pelo que entendemos, Jesus orienta aquilo que Ele mesmo irá condenar. Mas, diante do contexto, há outra visão, diferente da apresentada pelos salvacionistas, vejamos:

*Passava Jesus por cidades e aldeias, ensinando e caminhando para Jerusalém. E alguém lhe perguntou: **Senhor, são poucos os que são salvos?** Respondeu-lhes: **Esforçai-vos por entrar pela porta estreita**, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão. **Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado a porta**, e vós, do lado de fora, começardes a bater, dizendo: **Senhor, abre-nos a porta**, ele vos responderá: **Não sei donde sois. Então, direis: Comíamos e bebíamos na tua presença, e ensinavas em nossas ruas. Mas ele vos dirá: Não sei donde vós sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais iniquidades.** Ali haverá choro e ranger de dentes,*

*quando virdes, no reino de Deus, Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, mas vós, lançados fora. **Muitos virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul e tomarão lugares à mesa no reino de Deus. Contudo, há últimos que virão a ser primeiros, e primeiros que serão últimos.** (Lc 13:22-30)*

Diante do contexto, vemos que os discípulos perguntam se poucos serão salvos e Jesus responde como uma orientação para que se esforcem em adentrar à Porta Estreita, ou, se elevar às virtudes celestes. Todavia, no pensamento dos salvacionistas, Jesus disse que muitos **tendo se esforçado**, naquele dia **ficarão de fora**. Entretanto, Jesus disse o oposto, pois, Ele não poderia condenar àqueles que seguirem sua orientação de **Esforçai-vos por entrar pela porta estreita**, tanto que o Mestre assevera que muitos procurarão entrar e não poderão. **Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado a porta**. Muitos procuraram entrar, mas não se esforçaram em adquirir as virtudes necessárias para terem o merecimento, antes procuram entrar sem nenhum esforço. Não estavam dispostos a "pagar o preço". Esta simbologia representa o fato de muitos dos que estavam próximos Dele, ouviram os Seus ensinamentos, mas não fizeram o principal em não se esforçarem para se melhorarem como pessoas, substituindo o orgulho pela humildade, o egoísmo pela fraternidade, a avareza pela caridade, ou seja será dito a estes que **“Não sei donde vós sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais iniquidades”**. Praticaram todas as liturgias religiosas e preceitos de suas crenças, procuraram entrar na porta, ainda procuram, mas não querem se esforçar para tal, por isso que muitos serão lançados fora até pagarem o último ceitil, daí poderão retornar ao caminho através da consolação da reencarnação e de uma nova oportunidade de retificar os próprios erros na prática do bem, através da excelência do amor exemplificado pelo Mestre.

E, finalizando a análise realizada, os salvacionistas chegam ao desfecho dizendo que “a conclusão lógica, texto com contexto, apenas favorece que temos que nos salvar, isto é claro, mas, apenas pelos nossos esforços? Se o próprio Cristo diz que muitos tentarão entrar, encontrar outro significado para **‘tentarão’** que não seja, ‘se esforçarão’.” Ou seja, muitos tentaram na última trombeta, mas era tarde, pois a porta estava fechada e por este motivo, não haveria como se esforçarem para alcançarem as virtudes celestes. Todavia, os salvacionistas encontram o mesmo significado para “tentarão” que é “se esforçarão”. Uma diferença é tentar entrar numa porta que está ao seu lado e fechada, outra bem diferente é se esforçar para adentrar a Porta Estreita, enquanto esta ainda está aberta. Se a condição de "entrar" é se "esforçar", e muitos tentam e não conseguem, é porque não se esforçaram o suficiente ou não estavam dispostos a isso.

Há uma entrada para a salvação que é a conscientização de onde viemos, quem somos, para onde vamos e o que devemos realizar para nos curvamos diante do Evangelho em verdade e praticarmos os seus ensinamentos de luz, com muita resignação em alcançar as virtudes do amor, humildade, fraternidade e caridade pela atitude diária, nos esforçando por esta prática, como a orientação do próprio Mestre, em afixarmos nossos pés sobre a Rocha. A Doutrina Espírita nos esclarece que há dois caminhos a seguir: o que nos conduz às bem aventuranças e o que nos conduz ao sofrimento.

Quando declaram os salvacionistas que "muitos tendo se esforçado, naquele dia ficarão de fora", falseiam a lógica da narrativa, viola os princípios mais elementares de interpretação de texto e desprezam o significado das palavras. Jesus fala para se esforçar, mas diz que muitos procurarão entrar e não poderão, mostrando, como

dizemos que estes últimos não se esforçarão para tal, o que é justamente o contrário do que pretende alegar os salvacionistas. Se eles declaram que "muitos tendo se esforçado, naquele dia ficarão de fora", é sinal de que não são todos que ficarão de fora, alguns terão recompensado seu esforço para entrar pela porta estreita, o que depõe contra própria tese deles mesmos, pela qual nenhum esforço é necessário ou premiado, ou minimamente relevantes para a salvação. Ao contrário disso, segundo Jesus, ela só ocorre ao que "se esforça por entrar pela porta estreita".

## 2. As duas opções, nos esforçar, ou ficar com os braços cruzados!

Eis a passagem em análise:

***Entrai pela porta estreita** (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), **porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.** (Mt 7:13-14)*

Mais uma vez nos orienta o Mestre em entrar pela Porta Estreita das virtudes e Ele **não poderia nos condenar por seguirmos a orientação Dele mesmo**. Antes nos alerta de que muitos procurarão entrar pela mesma Porta, mas esta estará fechada. É o que buscamos trazer nesta primeira parte, não como espírita e nem com nenhuma bandeira religiosa, mas com a exortação do que encontramos no Evangelho.

**Há dois caminhos, o do esforço para sermos pessoas mais virtuosas**, não aos nossos próprios olhos e nem para os que estão ao nosso redor, mas pelo amor que nos alimenta e sustenta, estando este nas linhas vivas do Evangelho. Buscamos nos esforçar para estar na estatura mediana das atitudes do Mestre dos Mestres. **O outro caminho é o do sofrimento, ligado às vicissitudes que nos consomem e nos condenam pelos nossos próprios atos**. São estas mesmas atitudes as representadas pela porta larga que conduz ao nosso sofrimento e muitos vem a caminhar para ela, sem ao menos olharem para a outra via que os chama para a vida que é Jesus pela prática dos Seus ensinamentos. Esta é a Verdade que encontramos no Evangelho.

Este é o entendimento que buscamos orientar nesta passagem, não excetuando dessa regra nenhuma crença, nenhuma raça e nenhuma pessoa em específico. Por este motivo me direcionei a todos, por sentir o fulgor no coração em orientar e procurar esclarecer, mesmo que as mensagens em que me fundamentei para comentar não tenham vindo no mesmo teor. Por que poucos se acertam com os esforços de adentrar na Porta Estreita? Porque muitos não querem se sacrificar e burilar suas mazelas com resignação, antes procuram a facilidade e o imediatismo de angariar as mesmas virtudes, sem se esforçarem e sem precisarem lutar contra si mesmos para adquirirem o merecimento de serem chamados Bem-Aventurados por Aquele que é o Senhor dos senhores.

E, concluindo, o que afirmamos nas linhas acima é isto o que está no **Evangelho Segundo o Espiritismo**, no **capítulo XVII**, conforme vemos no **item 5**:

*Larga é a porta da perdição, porque são numerosas as paixões más e porque o maior número envereda pelo caminho do mal. E **estreita a da salvação**,*

*porque a grandes esforços sobre si mesmo é obrigado o homem que a queira transpor, para vencer suas más tendências, coisa a que poucos se resignam. E o complemento da máxima: "Muitos são os chamados e poucos os escolhidos".*

*Tal o estado da Humanidade terrena, porque, sendo a Terra mundo de expiação, nela predomina o mal. Quando se achar transformada, a estrada do bem será a mais freqüentada. Aquelas palavras devem, pois, entender-se em sentido relativo e não em sentido absoluto. Se houvesse de ser esse o estado normal da Humanidade, teria Deus condenado à perdição a imensa maioria das suas criaturas, suposição inadmissível, desde que se reconheça que Deus é todo justiça e bondade.*

*Mas, de que delitos esta Humanidade se houvera feito culpada para merecer tão triste sorte, no presente e no futuro, se toda ela se achasse degredada na Terra e se a alma não tivesse tido outras existências? Por que tantos entraves postos diante de seus passos? Por que essa porta tão estreita que só a muito poucos é dado transpor, se a sorte da alma é determinada para sempre, logo após a morte? **Assim é que, com a unicidade da existência, o homem está sempre em contradição consigo mesmo e com a justiça de Deus.***

***Com a anterioridade da alma e a pluralidade dos mundos, o horizonte se alarga; faz-se luz sobre os pontos mais obscuros da fé; o presente e o futuro tornam-se solidários com o passado, e só então se pode compreender toda a profundidade. Toda a verdade e toda a sabedoria das máximas do Cristo.** (KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo XVII) (grifo nosso).*

É o que sempre afirmamos que sem a pluralidade dos mundos habitados, a pluralidade das existências e sem a consciência dos Atributos de Deus não entenderia a justiça Divina, nem tampouco a Realeza de Jesus e muito menos os escritos sagrados, por não compreender os demais apóstolos e a visão que detinham em vida nas suas ditosas missões sobre o que é Deus e Jesus. Destarte, estes afixaram a bandeira do Evangelho sobre o terreno dos que estavam perdidos e desorientados.

Prosseguindo na análise das abordagens dos salvacionistas, estes nos dizem que com relação a Mt 5:24-26 houvera visão que "Jesus envolve dois elementos distintos (sentimentos e valores financeiros)". Fica claro que a análise dos salvacionistas começa por ser acima da letra e termina por ser literal. Na nossa análise veio a ser acima da letra do início ao fim. Todavia, os salvacionistas dizem que: "em Mt 5:24-26, o 'último centavo / ceitil', fossem as vicissitudes da existência corporal, termo usado para as provas que o ser humano tem que passar em suas diversas reencarnações". Ou seja, concordam com o que dissemos, mas discordam posteriormente sem apresentar o que ele entende da parábola. Entretanto, vamos analisar o ponto da discordância que é mais uma vez a reencarnação e a ingloria tentativa de aplicar a eternidade de uma prisão espiritual, reafirmando a eternidade das penas numa passagem que diz o oposto.

Chegamos à passagem em análise que é a de Mt 5:24-26. Esta passagem trata de uma figura de linguagem que nos leva a um ensinamento mais profundo, sendo este que buscaremos aprofundar ainda mais. Certamente que o contexto de Mateus, capítulo 5, este vem a tratar do Sermão da Montanha e uma série de

complementações da parte de Jesus, no que tange aos preceitos da lei de Moisés, tendo em vista a passagem em análise de Mt 5:21-26, onde Jesus complementa a antiga lei sobre o homicídio em Ex 20:13 e Dt 5:17, derrubando o legalismo farisaico. Adentremos na passagem e em seu contexto.

### 3. A antiga lei disciplinar e um novo ensinamento

Neste tópico, trouxemos o cumprimento do que a Lei e os Profetas incutiram na cultura judaica, com as diversas normas de conduta a um povo rebelde de outrora, mas que com a vinda do Messias, foi cumprido, complementado e estendido o entendimento destes mesmos judeus, gentios e toda a humanidade, recebendo a soberana Lei da justiça e do amor descritas no Evangelho Rm 7, 4-6; Lc 16,16; Gl 2,21; Hb 7,18; 10,9; 8,6-7.13. Com efeito, trazemos o ensinamento profundo de Jesus sobre a questão do “último ceutil”. Eis a passagem a ser comentada:

***Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta. Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão. Em verdade te digo que não sairás dali, “enquanto” não pagares o último centavo. (Mt 5:21-26)***

Após a citação do contexto em análise, diz os salvacionistas entendem que “mesmo com esta ênfase espiritual no texto, discordam das explicações espíritas, como se em Mt 5:24-26, o ‘último centavo / ceutil’, fossem as ‘vicissitudes da existência corporal’, termo usado para as provas que o ser humano tem que passar em suas diversas reencarnações”. Acreditamos que se os salvacionistas não venham a aceitar que não seja as nossas imperfeições morais, o sentido verdadeiro da figura de linguagem do ceutil e da prisão, como a permanência em nossos defeitos gostaria de saber qual é o outro significado que defendem, todavia, tentam sustentar a insustentável idéia das penas eternas, em meio a uma análise descontextualizada da idéia da analogia e de outras passagens que nada tem a ver com o que estamos idealizando.

Só para caráter de esclarecimento, sem a reencarnação, esta passagem fica sem nexos, pois, se um indivíduo errou com o seu irmão numa dada existência e não buscou a reconciliação com ele, logo, estará em débito até pagar o último centavo de suas imperfeições. Pagar não seria sofrer na mesma moeda, mas reconstruir o afeto que foi desfeito, reparar as ofensas que se cristalizaram em seu coração e no de seu próximo, perdendo-se e procurando perdoar aquele a quem magoou. Esta é a verdade de que não viemos para pagar, mas para retificar com a oportunidade da reencarnação que está de acordo com a Justiça Divina e a lógica, isto sem mencionar a questão da ciência que estuda e vem comprovando a lei natural da reencarnação.

Dando seguimento as elucubrações, os salvacionistas prosseguem dizendo que “contextualmente, esta é apenas uma das partes do Sermão da Montanha em que Cristo enfatiza o uso da misericórdia, do perdão, para com os irmãos na fé (versículos 22 a 24) e com o próximo, mesmo este sendo um inimigo (versículos 24 a 26), e quem assim não age acaba por tornar-se um pecador, e o pecador é sempre um devedor diante de Deus, seu credor”. Como já foi dito, a parábola em análise faz parte do Sermão do Monte, nisso, não há dúvidas. O que foi salientado é que o exemplo ilustrado não diz que o devedor (quem pecou) é devedor de Deus (seu credor). A passagem em análise nos mostra que o credor é nosso próximo, a quem ofendemos. Deus não é nosso irmão, muito menos adversário.

Quem está em **débito (devedor)** é que é orientado por Jesus a buscar a pessoa (credor) a quem agiu em desafeto, não seria o credor buscando perdoar o seu devedor, como exemplificado pelos salvacionistas, mas ao contrário, é este que deve buscar aquele. Pois bem, Jesus prossegue a sua orientação de que seria quem **ofendeu (devedor)** quem deveria buscar o seu **próximo (credor)** para que fossem reconciliados ou perdoados os pecados e erros daquele com quem esteve em desacordo, e não o apresentado pelo salvacionista que somente Deus é quem poderia estar perdoadando o pecado entre os que estavam distantes pelos matizes que passaram. Por que dizemos isto? Pelo simples fato de estar bem claro no texto que não seria a Deus que estaríamos buscando o perdão, mas àquele a quem ofendemos com a seguinte passagem:

*Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro **reconciliar-te com teu irmão**; e, então, voltando, faze a tua oferta. (Mt 5:23-24)*

A orientação de Jesus é a de promover o sentimento de arrependimento daquele que ofendeu, ou que causou o constrangimento no coração de seu próximo, aquele é que deve buscar a quem ofendeu para reconstruir os laços de afeto que foram temporariamente desatados. Se levarmos ao altar (a Deus) a nossa oferta e se ali nos lembrarmos que temos algo contra alguém, nós devemos sair naquele momento e buscar a reconciliação com o nosso próximo, e não que Deus nos daria o perdão naquele momento em que estávamos oferecendo a oferta a Ele. Seria necessário o nosso próximo nos perdoar por nossa falha. Esta é a proposta que está apresentada por Jesus. Quando entramos em desacordo com a Lei divina, seremos perdoados pelo Pai, mas este não inocenta o culpado pela falta. Se não buscarmos reconciliação, pagaremos até o último ceutil.

No desfecho apresentado pelos salvacionistas, arrematam dizendo que “o pecador, caso não se arrependa, é lançado na prisão até que pague o último centavo, **o que é para sempre**, pois ele não tem os recursos para pagar a conta final”. Bom, pelo que já foi dito anteriormente, quem deve buscar o perdão é aquele que **ofende (devedor)**, mas quem irá perdoar é o que foi **ofendido (credor)**. Esta idéia é clara, e por não haver saída para outra interpretação, oferece os salvacionistas o dogma das penas eternas. Vale observar que os recursos para pagar a conta final foram apresentados, quando Jesus diz que:

***Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho**, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial*

*de justiça, e sejas recolhido à prisão. Em verdade te digo que não sairás dali, “enquanto” não pagares o último centavo. (Mt 5:25-26)*

Estes recursos são a misericórdia para com o próximo, a busca pela reconciliação por aquele que infringiu o sentimento para com o próximo e esta atitude é a certeza de que **“enquanto” não pagares o último centavo**, estaria preso às nossas imperfeições, tal como a do ódio e rancor para com o nosso próximo. Se iremos permanecer eternamente com este peso de nossos vícios morais, vemos que até mesmo a capacidade de um ser humano em querer mudar de atitude está sendo negada, onde se apresentam subterfúgios para levar os leitores ao erro, por não ter a humildade de aceitar o que o Mestre nos ensinou, por meio de uma alegoria que nos traz o ensinamento profundo de que o erro não é eterno e a sua reparação é até que se refaça o que foi destruído, ou seja, o amor pelo próximo é o objetivo a ser alcançado através do perdão entre ambos.

#### **4. A eternidade de uma prisão temporária**

Na referida seqüência do Evangelho, Jesus ensina que aquele que estiver diante do altar e lembrar que alguém tem alguma mágoa contra ele, deixem ali a sua oferta e vá reconciliar-se com o seu irmão, e depois faça a sua oferta. Ele completa o ensinamento dizendo que façamos as pazes com o nosso adversário enquanto estamos no caminho com ele, ou seremos encerrados na prisão e dali não sairá até que seja pago o último centavo (centavo).

Estes ensinamentos demonstram que prece e adoração, estas não têm valor quando o nosso coração está pejado de ódio e rancor. De nada adianta os atos exteriores se o coração não participar, e ele não pode participar se estiver cheio de rancor, despeito, mágoa, tristeza, não havendo o perdão, e isso evidencia que colocamos sobre a nossa carga um fardo pesado, e ao invés do julgo leve e suave do Mestre, damos vazão aos desequilíbrios e doenças da alma que refletem em nosso corpo.

Nosso corpo é o Templo vivo do Criador, onde o nosso coração é o altar, logicamente não falamos do coração como um músculo cardíaco que bombeia o sangue para todo o corpo mediante as artérias e as veias, mas o sentimento de nossa alma. Nenhum ato de adoração, de amor a Deus terá validade se não formos capazes de perdoar e amar o nosso próximo, independente dele nos amar ou não. Se amares somente os que vos amam, que fareis demais? Os gentios também amam os que os amam.

Quanto ao se reconciliar, fazer as Pazes ou perdoar-se com o adversário, significa que quem odeia, fica magoado, constrói uma prisão em torno de si, assim como recomenda o Cristo:

*Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele; para que não aconteça que o adversário te entregue ao guarda, e sejas lançado na prisão. (Mt 5:25)*

Essa prisão é a de ficarmos presos ao adversário para quitar a nossa dívida, ou seja, reconstruir os laços de afetos que foram desfeitos. Portanto, consagra o princípio

da reencarnação e a lei de causa e efeito que transcende a figura de linguagem, levando a interpretação correta de ceitil para mágoa, rancor e falta de perdão consigo mesmo e, por conseguinte com o próximo. Estar no caminho com o adversário é estar reencarnado com ele na vida presente. **“A prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e livres na prisão. É uma questão de consciência (Gandhi)”** e enquanto não perdoamos a nós mesmos e ao próximo, não teremos como nos libertar desta prisão da consciência. Assim, quando Jesus diz que:

*“Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali **enquanto não pagares o último ceitil**”.* (Mt 5:26).

Concluindo de que se pagamos esta “dívida” para com o próximo dali poderemos sair e isso derruba o dogma das penas eternas, enquanto consagra a importância do esforço pessoal, pois o Cristo nos dá a chance do resgate, ou o pagamento desta mesma dívida, e se assim não o fosse o verso teria que ser assim: **Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali**, para assim confirmar as penas eternas e a impossibilidade de resgate, porém Cristo arremata na continuidade de sua fala: **enquanto não pagares o último ceitil**. (Mt 5:26).

## 5. O entendimento de uma conjunção diante de falsas premissas

Os salvacionistas, após comentarem de forma evasiva a análise que trouxemos da passagem de Mt 5:21-26, vem a averiguar o grego em Mateus. Este nos diz que “ocorre é que a palavra ‘até’ na Bíblia tem dois sentidos; no primeiro há o sentido que usualmente conhecemos que denota um tempo determinado e posterior mudança de estado, e o segundo em que não implica um período de tempo definido ou temporário, sem haver uma mudança de estado, uma figura de linguagem”. Vale ressaltar que o Evangelho de Mateus foi escrito em aramaico e não em grego. Neste intento, iremos verificar logo abaixo o parecer dos salvacionistas em relação a sua análise do Grego.

Segue a passagem utilizada pelo salvacionista em sua análise, onde trouxemos a tradução comumente utilizada pelos protestantes que é a Almeida, o grego, sua transliteração e a versão King James.

*Em verdade te digo que não sairás dali, **enquanto** não pagares o último centavo.* (Mt 5:26) (Versão: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada)

*αμην λεγω σοι ου μη εξελθης εκειθεν **εως αν** αποδως τον εσχατον κοδραντην.* (Mt 5:26) (Versão: Original Grego)

*amên legô soi ou mê exelthês ekeithen **eôs an** apodôs ton eschaton kodrantên.* (Mt 5:26) (Versão: Original Grego Transliterado)

*Verily(Em verdade) I(Eu) say unto thee(te digo), Thou shalt(Tu) by no means(de modo algum) come out(sair) thence(dali), **till(até)** thou hast(tu) paid the uttermost farthing(pagares o último ceitil).* (Mt 5:26) (Versão: King James Version with Strongs transliterado) <sup>[1]</sup>

Diante do Grego, encontramos na versão King James o seguinte esclarecimento quanto à conjunção "**εως**" (**HEÔS**), seguida da partícula "**αν**" (**AN**). A conjunção heos significa até, **enquanto**, até que, enquanto que. Já a partícula an pode

ter vários sentidos, dependendo do tempo verbal. Por exemplo, é utilizada para indicar possibilidade (o verbo vai para o optativo). Em Mt 5:26, a tradução de heos está no português, como **enquanto** que nos remete como sendo um tempo determinado, ou seja, que varia de estado. Vemos abaixo a versão King James para maiores esclarecimentos.

**Hoes(Enxadas)** - *heh'-oce* – *of(de) uncertain(incerta) affinity(afinidade); a conjunction(uma conjunção), preposition(de preposição) and(e) adverb(advérbio) of(de) continuance(continuidade), until(até que) (of time and place)(de tempo e lugar): even(mesmo) (until, unto)(até, até), (as) far(muito) (as), how long(quanto tempo), (un-)til(-l), (hither(aqui)-, un-, up(para cima)) to(para), while(ao mesmo tempo)(-s).*

**an(uma)** - *a primary particle(uma partícula primária), denoting(denotando) a supposition(uma suposição), wish(desejo), possibility(possibilidade) or uncertainty(ou incerteza): --(what(o que)-, where(onde)-, wither(murchar)-, who(que)-) soever(seja quem for). Usually(Normalmente) unexpressed(não expressa) except by the(exceto pelo) subjunctive(subjuntivo) or potential(ou potencial) mood(modos). Also(Também) contracted for(contratado para) 1437. See(Ver) GREEK(GREGOS) g1437<sup>[1]</sup>*

Para corroborar o que dissemos acima, *heos* significa um período determinado e *heos an* significa um período indeterminado, ou seja, denota uma suposição, uma possibilidade e até mesmo uma incerteza, segundo a gramática Aprenda o Grego do Novo Testamento, de John Dobson, da Editora CPAD.

Essa informação é interessante e verificamos que os salvacionistas nos apresentam o oposto no que está definido acima, quando dizem que “a partícula *heos*, é o que nem sempre indica um período de tempo determinado e ao contrário de quando é utilizado as partículas ‘*heous hou*’, aí, sim, neste sentido, sempre há uma mudança de estado”. Em outras palavras, o texto em foco de Mt 5:26 está empregada a conjunção “**εως**” (**HEÔS**), seguida da partícula “**αν**” (**AN**) que já vimos, estes apontam para um **período indeterminado**. Seria indeterminado, algo eterno, sem variar o seu estado presente? A pergunta é clara e a resposta é óbvia, um tempo determinado é um tempo datado, mas um tempo indeterminado é um tempo em que não se sabe quando irá ocorrer a sua mudança de estado, mas que **nunca será fixo e eternamente invariável**. Seria interessante ainda, recorrermos ao dicionário On-line Priberam, referente ao adjetivo indeterminado, para que os leitores possam entender o que foi dito nas linhas acima.

#### **Indeterminado**

do Lat. Indeterminatu

adj.,

não determinado;

**impreciso;**

irresoluto;

s. m.,

**o que é vago ou indeciso.**

Após adentrar na questão do grego, seria interessante analisar a palavra em português que foi empregada na parábola em que estamos analisando, ou seja, a

conjunção correspondente – **enquanto** e até mesmo a preposição **até** angariada pelos salvacionistas.

### **Enquanto**

[De em + quanto.]

Conjunção

1. No tempo em que
2. Ao passo que; durante o tempo em que
3. Ao passo que; à medida que
4. Sob o aspecto de; considerado como

[Cf. em quanto, na loc. prep. em quanto a.]

### **Até**

[Do ár. hatta.]

Preposição

1. **Indica um limite de tempo, no espaço ou nas ações**

Mediante os esclarecimentos anteriores, diz o proponente da articulação que a preposição **até** tem o outro significado “em que não implica um período de tempo definido ou temporário, sem haver uma mudança de estado, uma figura de linguagem. E diante Deste segundo sentido, segundo os salvacionistas, temos exemplos bíblicos como nas passagens de Lc 20:42-43, onde é dito ‘O SENHOR disse ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita ATÉ que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés.’ (Lc 20:42-43)”. Após a citação, questionam os salvacionistas: “Será que o Filho de Deus não estará mais assentado à mão direita do Pai após seus inimigos serem subjugados? É claro que estará, é uma figura de linguagem”. Mas há controvérsias diante dessa interpretação. Em I Co 15:27 e 28, ocorre essa mudança de estado. Vamos aproveitar a oportunidade, analisar a passagem abaixo e realizar os devidos comentários como tempos que dentro do contexto são irresoluto e indeterminado.

*“até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés”. (Lc 20:43)  
(Versão: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada)*

*“εως αν θω τους εχθρους σου υποποδιον των ποδων σου”. (Lc 20:43) (Versão:  
Original Grego)*

*“eôs an thô tous echthrous sou upopodion tôn podôn sou”. (Lc 20:43) (Versão:  
Original Grego Transliterado)*

*“Till(Até que) I(Eu) make(ponha) thine(os teus) enemies(inimigos) thy  
footstool(escabelo de teus pés)”. (Lc 20:43) (Versão: King James Version with  
Strongs transliterado)<sup>[1]</sup>*

Outrossim, prosseguem os salvacionistas: “Ou então em Gn 28:15 ‘Diz o Senhor a Jacó: Não te abandonarei ATÉ que eu tenha realizado o que te prometi.’ Certamente Deus não abandonou Jacó depois de cumprir as suas promessas”. O fato de não abandonar Jacó não implica que em Mt 5:26 será um estado imutável, são contextos distintos e a conjunção “*heos an*” dá a idéia de um período indeterminado e não eterno. Segue agora a análise do hebraico:

“Eis que eu estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra, porque te não desampararei, **até** cumprir eu aquilo que te hei referido”. (Gn 28:15) (Versão: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada)

“vehinnêh'ânokhiy `immâkh ushemartiykha bekhoh 'asher-têlêkh vahashibhothiykha 'el-hâ'adhâmâh hazzo'th kiy lo' 'e`ezâbhkha `adh 'asher 'im-`âsiythiy 'êth'asher-dibbartiy lâkh”. (Gn 28:15) (Versão: Original Hebreu Transliterado)

“And(E), behold(eis que), I am with thee(estou contigo), and will keep thee(e te guardarei) in all(em todos os) places whither(lugares para onde) thou goest(quer que tu), and(e) will bring thee(te trará) again(de novo) into this land(a esta terra); for I(por que Eu) will not leave **thee**(não te **deixarei**), **until** I have(**até** que eu tenha) done that which(feito o que) I have spoken(Eu falei) to thee(para ti) of(de)”. (Gn 28:15) (Versão: King James Version with Strongs transliterado)

**'aher**

**ash-er'**

a(um) primitive(primitivo) relative(relativa) pronoun(pronome) (of every(de cada) gender and number(sexo e número)); who(que), which(a qual), what(o que), that(que); also(também) (as(como) an(um) adverb(advérbio) and(e) a(um) conjunction(conjugado)) when(quando), where(onde), how(como), because(por que), in order(de modo) that(que), etc.: --X after(depois), X alike(igualmente), as(como) (soon as), because, X every, for, + forasmuch, + from whence, + how(-soever), X if(se), (so(lo)) that(que) ((thing) which(coisa que), wherein(em que)), X though(porém), + until(até), + whatsoever(qualquer), when(quando), where(onde) (+ -as(como), -in, -of(de), -on, -soever, -with(com)), which(o qual), whilst(ao passo que), + whither(para onde) (- soever), who(que) (-m, -soever, -se). As it is(como é) indeclinable(indeclinável), it is often(muitas vezes é) accompanied(acompanhado) by the personal pronoun(pelo pronome pessoal) expletively, used to show(usado para mostrar) the(a) connection(conecção).<sup>[1]</sup>

Após o esclarecimento acima, dizem os salvacionistas que o termo até, aplicado pela partícula *heos*, é o que nem sempre indica um período de tempo determinado, e que foram usados nos exemplos acima, incluindo Mt 5:24-26, ao contrário de quando é utilizado as partículas “*heous hou*”, aí, sim, neste sentido, sempre há uma mudança de estado”. De tudo não é verdade, pois a conjunção “*heos*” seguida da partícula “*an*” não denota um tempo determinado e sim um tempo indeterminado. Com efeito, mesmo assim nos é apresentado mais exemplos: Mt 17.9 “E, descendo eles do monte, Jesus lhes ordenou, dizendo: A ninguém conteis a visão, até que [heos hou] o Filho do homem seja ressuscitado dentre os mortos.” Após a ressurreição, todos ficaram sabendo do ocorrido, como relatado nos Evangelhos (Mt 17 e Mc 9) e por Pedro (II Pe 1:16-18). Analisando essas passagens sugeridas, temos abaixo:

“E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a visão, **até** que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos”. (Mt 17:9) \* (Versão: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada)

“και καταβαινοντων αυτων εκ του ορους ενειλητο αυτοις ο ιησους λεγων μηδενι ειπητε το οραμα **εως ου** ο υιος του ανθρωπου εκ νεκρων αναστη”. (Mt 17:9) (Versão: Original Grego)

“kai katabainontôn autôn ab=ek ts=apo tou orous eneteilato autois o iêsous legôn mêdeni eipête to orama **eôs ou** o uios tou anthrôpou ek nekrôn a=egerthê tsb=anastê. (Mt 17:9) (Versão: Original Grego Transliterado)

“And(E) as they came down(descendo eles) from the mountain(do monte), Jesus charged them(ordenou-lhes), saying(dizendo), Tell(Diga) the vision to(a visão de) no man(ninguém), **until(até que)** the(o) Son(Filho) of man(do homem) be risen again(seja ressuscitado) from the dead(dentre os mortos)”. (Mt 17:9) (Versão: King James Version with Strongs transliterado)

**hos** – including(incluindo) feminine(feminino) he(ele) hay(feno), and(e) neuter(neutro) ho ho probably(provavelmente) a(uma) primary(principal) word(palavra) (or(ou) perhaps(talvez) a form of(uma forma de) the article(o artigo) 3588); **the relatively(relativamente)** (sometimes(às vezes) demonstrative(demonstrativo)) pronoun(pronome), who(que), which(que), what(o quê), that(que): --one(um), (an(um)-, the(o)) other(outro), some(alguns), that(que), what(o que), which(que), who(que) (-m, -se), etc. See also(Veja também) 3757. See(Ver) GREEK(GREGO) g3588. See(Ver) GREEK(GREGOS) g3757. <sup>[1]</sup>

Citaremos um exemplo em que não há mudança de estado quando está sendo utilizada a conjunção “heos hou”, conforme abaixo:

“Mas, havendo Paulo apelado para que ficasse em custódia para o julgamento de César, ordenei que o acusado continuasse detido **até** que eu o enviasse a César”. (At 25:21) (Versão: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada)

“του δε παυλου επικαλεσαμενου τηρηθηναι αυτον εις την του σεβαστου διαγνωσιν εκελευσα τηρεισθαι αυτον **εως ου** πεμψω αυτον προς καισαρα”. (At 25:21) (Versão: Original Grego)

“tou de paulou epikalesamenou têrêthênai auton eis tên tou Sebastou diagnôsin ekeleusa têreisthai auton **eôs ou** a=anapempsô tsb=pempsô auton pros Kaisara. (At 25:21) (Versão: Original Grego Transliterado) <sup>[1]</sup>

Mediante a citação em Atos, certamente Paulo não viria a ser liberto após o julgamento com César, vindo a continuar no cárcere até o evento trágico de sua morte, decapitado por volta de 60 a 62 dC. Nesta passagem, utilizou-se a expressão “heos hou”, todavia, o sentido manteve-se invariável. Assim sendo, seria mais prudente vermos que pode haver os dois sentidos, isso dependerá do contexto em específico.

Segundo os salvacionistas, em Lc 15:8 “Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a candeia, e varre a casa, e busca com diligência até que [heos hou] a encontre?” Aqui também há uma mudança de estado, ninguém em são estado procuraria algo que já encontrou, segundo os salvacionistas. Diante da abordagem de que “heos hou” sempre vem a dar uma mudança de estado, também de tudo não é verdade, ao qual veremos mais abaixo a tradução de mais esta passagem aventada pelos salvacionistas e outros exemplos que diante do contexto não há mudança de ação.

“Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente **até** encontrá-la?” (Lc 15:8) (Versão: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada)

“ἡ τις γυνὴ δραχμᾶς ἔχουσα δέκα εἰάν ἀπολεσῆ δραχμὴν μίαν οὐχὶ ἀπτεῖ λυχνόν και σαροὶ τὴν οἰκίαν και ζητεῖ ἐπιμελῶς **ἕως οὗ** εὐρη”. (Lc 15:8) (Versão: Original Grego Transliterado)

“ê tis gunê drachmas echousa deka ean apolesê drachmên mian ouchi aptei luchnon kai saroi tên oikian kai zêtei epimelôs **eôs a=ou** tsb=otou eurê”. (Lc 15:8) (Versão: Original Grego Transliterado)<sup>[1]</sup>

Em cada caso (At 25:21; Gn 8:5; II Sm 6:23; Pv 2:17; Pv 3:4), se na prosa ou na poesia, "ATÉ QUE" (*heos hou*) esteja sendo usado para significar um período de tempo, onde longo a ação da cláusula principal continua, e, no fato, nele é assim longo que a ação da cláusula principal para nunca realmente em tudo. Assim dizemos que o “*heos hou*”, nestes exemplos citados “**continua a ação da cláusula principal**”. No caso de Mt 17:9 e Lc 15:8 apresentados pelos salvacionistas, a partícula “*hou*” ligada “*heos*” não denota que o sentido verbal permanece. Esta é a diferença.

Seria mais prudente analisarmos o contexto da citação de “*heos hou*”, já que esta conjunção pode ser uma determinação variável, mas também invariável e isso dependerá do contexto. No mais, se “*heos an*” denota período de tempo indeterminado, quem serão os salvacionistas para determinarem alguma coisa e dizer que não tem fim? Ainda mais em ilustrações tiradas do cotidiano.

## 6. Afinal, o que ensina Mt 5:21-26?

O que ensina a parábola que analisamos, dizem os salvacionistas que “resumindo, Mt 5:25-26 apenas indica que, ao não agirmos como Jesus nos ensina, fazemo-nos como pecadores, e **ficaríamos na prisão até o último centavo a ser pago, figuradamente, para sempre** pois não temos como pagar ao Justo Juiz (Deus) se este for cobrar a dívida, pois esta ficará sempre em aberto, ao contrário de, se aceitarmos o sacrifício de Jesus e confessarmos os nossos pecados, Ele nos perdoa e quita a dívida perante o Justo Juiz que é Deus”. A parábola em análise não é recomendada por Jesus, a acreditar em seu sacrificio para que até o último centavo fosse pago, antes o acréscimo corre por conta do articulador para induzir mais uma vez os leitores ao erro, pois, foi dito por Jesus que “**enquanto**” **não pagares o último centavo**. A mudança de estado é indefinida porque varia de pessoa para pessoa. O verbo pagar está conjugado na 2ª pessoa do singular, no futuro do conjuntivo. Esta forma verbal denota o pronome **TU**, ou seja, se tu mesmo não pagares até o último centavo, não saíras da prisão de seu rancor e ódio. Este centavo é pago não a Deus, mas ao nosso adversário, se com ele não nos reconciliarmos. E para nos reconciliarmos com ele nada foi dito sobre sacrifício de Jesus. Portanto, o texto não infere o aceite do Sacrifício Vicário do devedor, e sim, a busca pelo perdão daquele que foram desatados os laços de amor.

O que foi apresentado é que enquanto estivermos com os laços em desfeto com o próximo e não nos re-conciliarmos, aí sim estaremos e permaneceremos numa

prisão espiritual, através do sentimento da mágoa, rancor e ódio que alimentamos em nosso coração. Se não buscarmos o perdão com aquele que ofendemos, não sairemos desta mesma prisão, até voltarmos ao caminho com ele e reatar os laços de amor fraterno desfeitos nesta, ou numa próxima vida. Esta é a lei natural ao qual todos nós estamos sujeitos (Jo 3:12), mesmo o nosso salvacionista, até mesmo para que a Justiça Divina possa vir a ser mais clara aos nossos corações, basta ter olhos de ver e ouvidos de ouvir.

## 7. A primeira e a segunda revelação, não haveria a terceira?

Entendemos, em consonância com Kardec, de que houve a primeira revelação com Moisés no Decálogo, a segunda revelação com Jesus e sua moral, bem como o Consolador, a que vamos discorrer neste tópico. Em examinado texto que se segue:

*quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará das obras mortas a vossa consciência, para servirdes ao Deus vivo? E por isso é mediador de um novo pacto, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões cometidas debaixo do primeiro pacto, os chamados recebam a promessa da herança eterna. **Pois onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador. Porque um testamento não tem força senão pela morte, visto que nunca tem valor enquanto o testador vive.** (Hb 9:14-17)*

O relato acima supracitado, Jesus se tornou o nosso único meio de Salvação mediante o seu Evangelho vivo em nossas atitudes, porém, **nós não cremos no sacrifício de Cristo como a levar sobre Si as nossas imperfeições e responsabilidades de nossos atos**, onde, em Ez 18 nos elucida de que as responsabilidades de nossos atos caem sobre nós mesmos.

Os salvacionistas afirmam que “não haveria porque inferimos que há uma terceira revelação, pois se Cristo substituiu definitivamente, a sua obra é definitiva, não precisando de complementos”. Entretanto, entendemos que o sacrifício do Cristo foi para a substituição definitiva dos sacrifícios e oblações da Lei de Moises, ao qual trata exclusivamente a epístola aos Hebreus que foi o cumprimento da Lei e os Profetas e o desenvolvimento da 1ª revelação que fora Moisés pela 2ª que é o Cristo, conseqüentemente para que o seu Evangelho permanecesse e Jesus veio nos resgatar pelo seu evangelho vivo na transformação de nossas atitudes. **Todavia o sacrifício do Cristo foi para a substituição definitiva dos sacrifícios e oblações da Lei de Moises.**

Os salvacionistas dizem ainda que “não haveria porque inferimos que há uma terceira revelação, pois se Cristo substituiu definitivamente, a sua obra é definitiva, não precisando de complementos”. Conforme esclarecido o que Jesus é a **segunda revelação cumprida**, como o Messias que substituiu os sacrifício e oblações ensinadas na Lei de Moisés (1ª Revelação). Todavia, o próprio Espírito da Verdade teria a missão de complementar o que Jesus não podia dizer naqueles dias, e guiar a toda a verdade, e é o próprio Jesus quem afirma isso:

***Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora. Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras.** (Jo 16:12-13).*

A expressão “dirá o que tiver ouvido” denota que os ensinamentos, as parábolas de Jesus foram mal compreendidas e que o Espírito da Verdade viria no tempo oportuno guiar por toda a verdade dos ensinamentos do Mestre, que outrora, foram interpretadas de forma errônea. As coisas vindouras são tudo aquilo que o Mestre não podia dizer naquela oportunidade aos apóstolos, por não suportarem ainda, não tendo o amadurecimento para receber os ensinamentos vindouros e que não poderia dizer dias após a morte e ressurreição do Mestre, já que:

*Todavia, digo-vos a verdade, convém-vos que eu vá; pois **se eu não for, o Ajudador não virá a vós**; mas, se eu for, vo-lo enviarei (Jo 16:7).*

No capítulo citado, há a referência ao fato de que Jesus teria que deixá-los, para que o Consolador viesse, caso contrário, se Jesus ainda estivesse na Terra executando a sua tarefa, o Consolador não viria. E, finalizando este raciocínio, arrematam os salvacionistas, em resumo, que: “afirmamos que não precisa de complementos a sua obra feita para remissão dos pecados. **Jesus substituiu definitivamente os sacrifícios da lei de Moisés**, porém, o que o espiritismo pretende é substituir a de Cristo pela nossa, sinteticamente é isto o que ensina a reencarnação”. Concordamos e esclarecemos sobre o fato da substituição das oblações de Moisés pelo sacrifício de Jesus, porém, no desfecho, dizem-nos quando disse que o Espiritismo veio substituir a missão de Jesus, mas a missão do Consolador não é outra coisa senão a de cumprir a promessa do próprio Jesus, e se há coisas vindouras a serem ditas que não poderiam ser ditas naquela oportunidade e nem numa oportunidade próxima, isto não poderia ter ocorrido ou se cumprido integralmente, no evento de Pentecostes, a tudo isso é o que chamamos de 3ª Revelação. Agora, se o Consolador veio, onde está a Consolação? Se desde seus primórdios, o Cristianismo se fragmenta cada vez mais, e cada grupo ensina verdades opostas, como dizer que ele guiou a "toda a verdade"? A resposta está no texto: **Reencarnação ou Penas Eternas?** nos apresenta sempre uma chance para nos arrependermos e retificar nossos erros, já que *O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades (SI 103:8-10)*, derrubando o dogma das penas eternas.

## **8. Jesus anunciou as coisas vindouras após a ressurreição? Mas não seria o Consolador?**

Este tópico relata o quão difícil é para os salvacionistas passarem a idéia de que Jesus disse tudo após sua Ressurreição, ou até mesmo o Espírito Santo no Pentecostes, como alegam, sendo que tudo o que foi dito, foi repetido no que ele mesmo disse em seus três anos de Sua missão, ou seja, se os apóstolos não estavam preparados para suportarem o que haveria de ser dito no porvir, após a ressurreição de Jesus estariam preparados? É o que iremos esclarecer nas linhas abaixo.

Abrimos os comentários, feitos pelos salvacionistas, dizendo que “Jesus tinha mais coisas para falar, **e foram ditas após sua ressurreição**, porém nada contraditório com o que ele mesmo ensinou em seus três anos de ministério ao lado dos discípulos”. Foram ditas por Jesus, ou pelo Consolador? É o que veremos no decorrer de nossa análise.

Tendo iniciado a abordagem, os salvacionistas dizem que o texto em pauta é João 16:12, usado por nós espíritas como se Jesus tivesse dado a entender que ensinaria mais coisas ou mesmo que os discípulos não compreenderam o ensino do

Mestre. Primeiro ponto a abordarmos, o texto em pauta não é somente o de João 16:12, mas as do capítulo 14, verso 15 ao 17 e 26 e no mesmo capítulo 16, porém dos versos 7 ao 15, no qual estaremos comentando mais adiante. Tendo Jesus ainda muito para dizer aos apóstolos, mas se estes não estavam preparados, logicamente, é porque não disse tudo. Se havia muito e não pouco a dizer, é porque maior parte de seus ensinamentos ainda estavam velados, reservados para um tempo futuro.

No capítulo quatorze, Jesus promete outro Consolador e no capítulo dezesseis, Ele exemplifica a missão deste Consolador que o mundo não o conhecia ainda. Se o mundo e os Judeus já conheciam o Espírito Santo, por este ter se manifestado de forma abrangente na Torá, no Tanah, no nascimento de João Batista, nos eventos dos Evangelhos e demais livros do novo testamento. Como poderiam ainda não conhecer, algo que já existia e era conhecido? A resposta é sintomática - o Pentecostes apenas foi um marco onde o culto pneumático com suas manifestações, se tornou mais ostensivo.

Todavia, surpreendem-se os salvacionistas: “mas, será isto mesmo, será que quando Jesus afirmou **Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora** estaria ele apenas nesta frase dando razão aos espíritas de que seus ensinamentos não foram entendidos pelos discípulos?” Diante desta pergunta, a questão não é dar razão a nós espíritas, mas é o que está evidente no texto, negar tal evidência é torcer o que o texto, já esclarecido acima, diz tão claramente. Tanto não foram compreendidos de forma plena, como foram distorcidos ao longo da história, sendo preciso retornar ao ensinamento correto e fiel do Evangelho. As poucas coisas que ele havia ensinado seriam totalmente esquecidas, por isso o Consolador “fará lembrar tudo que tenho dito”. As muitas coisas que não ensinou só chegariam na medida em que tivessem condições de entendê-las, por isso o Consolador “guiará a toda a verdade”, coisa que Jesus não fez, daí porque os tantos equívocos acerca do que ele disse, bem como as tantas divisões que marcaram o cristianismo nascente.

Mediante tal clareza neste trecho (v 12), assim prosseguem os salvacionistas, ao dizer-nos posteriormente: “vamos ao contexto, vejamos, primeiro, tudo o que Jesus disse até o versículo 11: \* Coisas que os discípulos passariam como “*ser expulsos das sinagogas*” e “*quem matá-los julgarão servir a Deus*” (v 1); \* O que o Ajudador ensinaria “*convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo*” (v 8)”. Interessante, o segundo e não primeiro verso do capítulo 16, onde este nos dá o entendimento de que muitos dos cristãos primitivos foram expulsos das sinagogas, e foram mortos em tributo a Deus. Qualquer semelhança com o “trato” com a Doutrina Consoladora, não é mera coincidência. Haja vista, o fato de se chegar ao ponto de excomungar os Pastores e muitos outros religiosos que pertencem a outras denominações cristãs, pelo simples fato de se conscientizarem da Doutrina Espírita como a uma fonte mais vertente caudalosa do Evangelho de Jesus, cumprindo a missão da vinda do Consolador prometido por Ele, o Mestre.

Conforme os salvacionistas do que seria o pecado, a justiça e o juízo, Jesus explica todas as coisas que se sucederiam com Ele, e que estavam próximas a ocorrer. Ainda segundo eles, Jesus nesta passagem relata sobre o histórico acontecimento da sua iminente morte “*um pouco e não me vereis*” e ressurreição e “*outra vez um pouco, e ver-me-eis*” (verso 17). Primeiro, Quando dizem que após o sétimo verso, Jesus explica todas as coisas que se sucederiam com ELE, e que estavam próximas a ocorrer. De tudo não é verdade, pois do sétimo ao décimo sexto, Ele anuncia a missão do Consolador Prometido e não o seu relato sobre o histórico acontecimento da sua iminente morte, já que é após o verso décimo sexto é que ele anuncia a sua morte e ressurreição. Daremos uma pausa nesta abordagem, pois houve alguns saltos de passagens não comentadas aqui e distorções no que foi dito e

explicado pelo proponente, ou se comentadas aos fragmentos, levaram muitos ao erro. A começarmos pelo salto do verso sétimo ao décimo sexto, conforme abaixo:

*Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei. Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado. **Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora;** quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e **vos anunciará as coisas que hão de vir.** Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. (João 16:7-16)*

Após o contexto às claras, sem fragmentos, nos é explicado pelos salvacionistas que não poderiam suportar ouvir mais do que aquilo que já tinha sido revelado (perseguições, morte e ressurreição de Cristo)? Será mesmo que era isto que houvera sido anunciado por Jesus como a missão do Consolador? Dizer sobre as perseguições, Sua morte e ressurreição? Prosseguem dizendo que naquele exato momento os discípulos ainda não haviam compreendido todas as verdades do Evangelho, por isto não teria como os discípulos suportarem mais ensinamentos, pois antes sua morte e ressurreição teriam que ocorrerem para, depois disto, poderem entender tudo o que ocorreu. O fato é a via transversa desta afirmativa, pois, não seria naquele exato momento que os apóstolos não suportariam o que Jesus ensinava ensinar-lhes, mas por não estarem preparados para suportarem os “as coisas vindouras”, por falta do amadurecimento espiritual para tal, tanto que é não seriam ministrados estes novos ensinamentos por Ele mesmo (Jesus), ao contrário do que nos sugerem em: (ver Lucas 24:43-45), e sim que este processo seria presidido pelo próprio Espírito de Verdade, bem como: **Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.** (Jo 16:12-13).

Partindo desta premissa, encerram os salvacionistas o seu raciocínio no versículo 12, dizendo que tais coisas que os discípulos não poderiam suportar seriam ministrados pelo Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras. Porém, vale atentar ao que foi dito por eles, de que Cristo fala do Espírito Santo, este ministraria os seus ensinamentos, além de **lembrar-lhes de tudo** o que Jesus ensinou, lhes revelariam as coisas futuras (verso 13). Um pequeno detalhe, o Espírito Santo (ou Espírito da Verdade), já havia se manifestado algumas vezes, mas o mundo não o conhecia e não podia recebê-lo, pois o *Espírito da verdade, **que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece;*** vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós. (Jo 14:17). O mundo ainda não poderia receber o Espírito da Verdade por não estar preparado para esta terceira revelação, porque não o vê e muito menos o conhecia, enquanto seus discípulos já desfrutavam de parte desse conhecimento, já que o texto diz "estará em vós", o que também não implica em cumprimento naquela época. Não esqueçamos de que, por falar em esquecer, deveria haver primeiro um esquecimento de tudo que Ele havia ensinado, para então o Consolador entrar em cena e concluir sua missão, fazendo-os lembrar.

Em resumo, caros leitores, encerram os salvacionistas seus comentários novamente com o Grego, dizendo que achava interessante é que o verbo usado (revelar) não é precisamente o de revelar mas de anunciar (*anaggello*), que indica re-anunciar, repetir de novo, ou melhor conclamar, à diferença do *aggello*, simples anúncio. O que afirmamos e dissemos que não é preciso saber Grego para entender o português claro, ou seja, O Espírito da Verdade viria apresentar a vertente da verdade dos ensinamentos do Mestre que foram entendidos de forma equivocada ao longo dos séculos. O mais interessante, é que os salvacionistas tiram este argumento de um periódico do Pe. Ignácio dos padres escolápios que circula na net, porém, não é preciso se apegar a isto, pois, o que o padre veio a dizer neste trecho, é o que afirmei nas linhas acima. Neste intento, prosseguem os salvacionistas dizendo que: Nada mudaria, apenas seria complementado pois, se Cristo ensinava sobre a sua iminente morte e ressurreição (Mt 16:21), o Espírito Santo lhes ministraria a vitória, o fato consumado **e as profecias cumpridas que foram depois entendidas pelos discípulos (ver Lc 24:43-45).**

Nada constante nos ensinamentos de Jesus foram modificados pelo Consolador, antes veio trazer a essência destes ensinamentos do Mestre, retirando todo o erro impregnado em sua doutrina de amor e justiça. Jesus, nas passagens da promessa que faz acerca do Consolador Prometido e de revelar a sua missão, não disse e nem cogitou dizer que Cristo ensinava sobre a sua iminente morte e ressurreição (Mt 16:21), já que isto é muito pouco para ser considerado "muitas coisas", e quem viria a ministrar os ensinamentos do Mestre seria o Espírito da Verdade e não Ele mesmo, após a sua morte e ressurreição, ao contrário do que sugerem os salvacionistas **(ver Lc 24:43-45).**

E se, como encerra o propositor da urdidura em nos dizer que o Espírito Santo lhes ministraria a vitória, o fato consumado e as profecias cumpridas que foram depois entendidas pelos discípulos (ver Lc 24:43-45). Como poderiam ter sido entendidas se fora o próprio Mestre quem ministrou os ensinamentos e cumprimentos da passagem sugerida em Lucas? Se, ao que consta nos Evangelhos, esta missão viria a ser a tarefa do Consolador e não a de Jesus logo após a sua ressurreição, como nos remete a própria passagem sugerida pelos salvacionistas em Lucas.

## **9. A parábola do Jovem Rico e o seu real sentido**

Neste tópico e em parábolas subsequentes, iremos dar andamento aos aprofundamentos e explicações. Diante disso, pretendemos também apresentar uma resposta à parábola do "mordomo, ou administrador infiel".

Sabendo que o assunto é correlato à passagem em análise, que iremos realizar da parábola do Jovem Rico, estaremos dando andamento ao assunto aventado pelos salvacionistas, principalmente quando dizem que o texto de Mt 19:26, onde buscam sempre obter dos espíritas explicações plausíveis para o fato de Jesus ter dito que a salvação é impossível aos homens, claramente indicando que por nossos próprios esforços, somente, jamais alcançaremos a Salvação. Bom, para iniciarmos, não fomos nós que ignoramos a análise de Pastorino que mais adiante iremos comentar e nem argumentações anteriores que já registramos, bem como outras mais que abordamos neste e em outros textos. Se ainda houver dúvidas referentes à alguma parábola de Jesus e se estiver ao nosso alcance em esclarecê-la, iremos receber com boa vontade as dúvidas e tentar responder a qualquer um que nos solicite.

Comentando ainda a abordagem do urdidor em nos dizer que o texto de Mt 19:26, onde buscam sempre obter dos espíritas explicações plausíveis para o fato de Jesus ter dito que a salvação é impossível aos homens, **claramente indicando que por nossos próprios esforços**, somente, jamais alcançaremos a Salvação. Aqui, na frase grifada, os salvacionistas misturam a parábola da Porta Estreita com a parábola do Jovem Rico, esta em que estamos nos propondo a comentar. Todavia, como esclarecemos aos leitores acima, nos primeiros itens sobre a passagem da Porta Estreita, há duas atitudes a tomar: ou nos esforçamos, ou não nos esforçamos. Jamais alcançaremos a salvação sem esforço, o que para mim é a conscientização de nossos atos em acordo, ou em desacordo com a providência divina diariamente, e não algo que precisamos apenas aceitar e aguardar de braços cruzados para que caia do céu.

Temos um caminho e este caminho pressupõe que temos que tomar a atitude, a iniciativa de andar por ele. Em nenhuma ocasião, Jesus mencionou que iríamos ser carregados por este caminho. A questão que iremos esclarecer mais ao final de nossa abordagem, esta virá a ser mais um exemplo do que seja a salvação pregada por Jesus, à luz de seu Evangelho.

Prosseguem os salvacionistas em alegar: nós, os espíritas, **analisam até onde querem, fazem analogias até onde convém**, e não entram no cerne da questão do que o Mestre afirma. Sim, pois a inferência à salvação, tema da pergunta feita pelos discípulos, ao contrário do que afirmam, já não contemplaram os ricos e, sim, a todas as pessoas, toda a humanidade. Dizem que fazemos analogias até onde quisemos, onde convinham e etc. Iremos repetir o que foi dito desta parábola e veremos onde está a conveniência ou falta dela, sendo que nem mesmo os salvacionistas as comentam. Por outro lado, compete ao acusador o ônus da prova de que analisamos e fizemos analogias até onde nos convinha. **Vejam se as provas são apresentadas** e ver quem realmente deixou os argumentos literalmente ignorados.

Sobre a parábola do Jovem Rico, começamos a explanação da seguinte forma: Por isso, citam os salvacionistas (Mt 19:26), enfatizando conclusões insustentáveis e se contradizendo novamente, por concluir à luz do texto que, **corroborando o que o próprio Mestre já tinha ensinado quando afirmou que por nossos próprios esforços jamais alcançaremos a Salvação**. Observem que o contexto imediato é sobre o Jovem Rico e ele nos elucida algo a mais do que pretende nos passar, texto fora de contexto é pretexto. Vamos ao contexto:

*E eis que alguém, aproximando-se, lhe perguntou: Mestre, que farei eu de bom, para **alcançar a vida eterna?** (Mt 19:16)*

Vemos que o jovem já houvera ouvido falar de Jesus e sabia de sua autoridade, com isso ele inquiria ao Mestre como poderia fazer para herdar a vida eterna, ou como poderíamos depreender nos dias de hoje ser salvo ou ter a salvação por alcançar e que esforços seriam necessários para tal.

*Respondeu-lhe Jesus: Por que me perguntas acerca do que é bom? Bom só existe um. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. (Mt 19:17).*

Sem titubear, Jesus enfatiza ao Jovem a importância do esforço próprio, em guardar os mandamentos da Lei como premissa para entrar no reino das bem aventuranças, com isso:

*E ele lhe perguntou: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo. (Mt 19:18-19)*

Diante da explanação do Mestre de todas as prerrogativas, em se seguir os Dez Mandamentos e amar o nosso próximo como a nós mesmos, eis que:

*Replicou-lhe o jovem: **Tudo isso tenho observado; que me falta ainda?** (Mt 19:20)*

Como se não bastasse, faltava-lhe algo e este algo era o que:

*Disse-lhe Jesus: **Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me.** (Mt 19:21)*

A caridade desinteressada e o desapego com os bens terrenos eram o que faltava àquele jovem, pois este seguia todos os preceitos judaicos de sua época, mas faltava-lhe o principal que era o amor em prática e quando Jesus disse ao moço que o inquiria sobre os meios de ganhar a vida eterna: "**Desfaze-te de todos os teus bens e segue-me**", não pretendeu, decerto, estabelecer como princípio absoluto que cada um deva despojar-se do que possui e que a salvação só a esse preço se obtém; mas, apenas mostrar que o apego aos bens terrenos é um obstáculo à salvação. Aquele moço, com efeito, se julgava quite porque observara certos mandamentos e, no entanto, recusava-se à idéia de abandonar os bens de que era dono. Seu desejo de obter a vida eterna não ia até ao extremo de adquiri-la com sacrifício e se esforçando para seguir Jesus, o que em seguida se nota por sua reação.

*Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, **por ser dono de muitas propriedades.** (Mt 19:22)*

Entretanto, o Mestre arrematou que:

*Então, disse Jesus a seus discípulos: **Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus.** (Mt 19:23)*

Porém o Mestre enfatiza que dificilmente entraria um rico no reino, por se tratar de uma dura prova que aguça a avareza e o egoísmo o que Jesus lhe propunha era uma prova decisiva, destinada a pôr a nu o fundo do seu pensamento. Ele podia, sem dúvida, ser um homem perfeitamente honesto na opinião do mundo, não causar dano a ninguém, não maldizer do próximo, não ser vão, nem orgulhoso, honrar a seu pai e a sua mãe. Mas, não tinha a verdadeira caridade; sua virtude não chegava até à abnegação. Isso o que Jesus quis demonstrar. Fazia uma aplicação do princípio: "**Fora da caridade não há salvação**", enquanto que:

*E ainda vos digo que é mais fácil passar um **camelo** pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.* (Mt 19:24).

A palavra **Camelo** ao tempo de Jesus, as cordas de amarrar navios eram feitas de pêlos de camelo e eram conhecidas como camelo e assim como no verso anterior Jesus disse que dificilmente um rico entraria no reino dos céus. Subentende-se que não é impossível que este entre, e:

*Ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: **Sendo assim, quem pode ser salvo?** Jesus, fitando neles o olhar, disse-lhes: **Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível.** (Mt 19:25-27)*

O Reino de Deus, ou o próprio Pai estando em nós **...o reino de Deus está dentro de vós.** (Lc 17:21), através do Mestre que é a busca íntima de nós mesmos na elevação de nosso ser através de nossos esforços de adentrar pela porta estreita das

virtudes celestes, seremos salvos pelo Pai, somente se nos salvarmos, descobrindo-O dentro de nós mesmos e não em busca das formas exteriores para encontrá-lo, devemos vasculhar o íntimo, nos descobrir quem somos, como cita um sábio "**Conheça-te a ti mesmo**" (Platão). Desta maneira, proporcionaríamos a fazer uma introspecção em nosso ser a evidenciar o que deve ser mudado e aprimorado, descobrindo assim o Pai dentro de nós, bem como o Pai e o Cristo são um e representam esta elevação do espírito de Jesus ao seio das virtudes do Pai.

As riquezas materiais oferecem uma maior prova do que a pobreza e ainda um maior esforço para superar as facilidades que estas mesmas riquezas oferecem, conquanto, resta somente buscar as riquezas das virtudes por nos esforçar em praticarmos o Evangelho e promovermos a reforma íntima, com isso recorro à Codificação, no **Livro dos Espíritos**, para melhor ilustração:

**814 Por que Deus deu a uns riquezas e poder e a outros a miséria?** - Para experimentar cada um de maneiras diferentes. Aliás, vós já o sabeis, essas provas foram os próprios Espíritos que escolheram e, muitas vezes, nelas fracassam.

**815 Qual das duas provas é a mais terrível para o homem, a miséria ou a riqueza?** – Tanto uma como outra; a miséria provoca a lamentação contra a Providência; a riqueza estimula todos os excessos.

**816 Se o rico tem mais tentações, não tem também mais meios de fazer o bem?** – É justamente o que nem sempre faz; torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Suas necessidades aumentam com a riqueza e ele acredita nunca ter o suficiente.

*Allan Kardec - Neste mundo tanto as posições de destaque quanto a autoridade sobre seus semelhantes são provas tão arriscadas e difíceis para o Espírito quanto a miséria. Quanto mais se é rico e poderoso, mais se tem obrigações a cumprir e maiores são as possibilidades de fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo uso que faz de seus bens e de seu poder.*

*A riqueza e o poder despertam todas as paixões que nos ligam à matéria e nos afastam da perfeição espiritual; é por isso que Jesus ensinou: "Em verdade vos digo que é mais fácil um camelo<sup>1</sup> passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus". (Veja a questão 266) (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Terceira, Capítulo XIX).*

Caro leitor, como está demonstrado acima abordamos todo o contexto e analisamos toda a passagem, o que fica evidenciado e muito claro que não fomos nós que viemos a ignorar as explicações dadas! Mas mediante tal fato, dizem os salvacionistas que **analise o contexto**: O jovem rico primeiramente perguntou a Jesus qual bem deveria fazer para conseguir a vida eterna. Jesus, em seu ministério, sabia o que se passava nos corações dos homens (Jo 2:25), e a sua dura introdução à resposta (Mt 19:17) apenas evidencia isto, sabia também o que se passava no coração daquele rapaz. A resposta foi apenas, **guarde os mandamentos**, coisa que ele já observava, porém sabia que ainda faltava alguma coisa. O contexto foi analisado e solenemente ignorado pelo opugnador que nos sugere analisar o contexto!? Em conformidade com o que foi dito pelos salvacionistas, cremos que sabemos que Jesus tinha o poder de ler o pensamento e entrever a intenção nos corações das pessoas, disso não há dúvidas! Que mandamentos eram estes que

Jesus o perguntava se este jovem os guardava, certamente os mandamentos contidos na Torá, em específico, os 10 mandamentos que até foram citados acima.

Na sequência desta análise dos salvacionistas, eles prosseguem dizendo que diante de tantas qualidades, faltava ao jovem negar a si mesmo, reconhecido sua condição de pecador; se o desejo daquele jovem fosse realmente seguir a Cristo, imediatamente obedeceria a sua voz, porém Jesus não pediu o que pediu a toa, ele tocou naquilo que ainda o impedia de negar a si mesmo, não foi uma ordem para que ele comprasse a Salvação com seus bens, como parte de nossa abordagem em que acertadamente dizemos que Jesus complementa que o Jovem *não pretendeu, decerto, estabelecer como princípio absoluto que cada um deva despojar-se do que possui e que a salvação só a esse preço se obtém; mas, apenas mostrar que o apego aos bens terrenos é um obstáculo à salvação.* Ora bolas, dissemos tudo aquilo que afirmamos acima, porém, com uma retificação, como o Jovem Rico poderia reconhecer a sua condição de pecador e que não foi uma ordem para que ele comprasse a Salvação com seus bens, nós não dissemos isso, de que o Jovem Rico viria comprar a sua Salvação com seus bens! Mas se ele vendesse seus bens e desse aos pobres, seria salvo?

Ademais, o que os salvacionistas realmente entendem sobre esta citação de Jesus [*Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. (Mt 19:21)*]? O nosso entendimento está no parágrafo abaixo.

Se ele seguia todos os mandamentos da Torá, o que Jesus evidenciou e deixou claro como a alva é que aquele jovem se despojasse de seu materialismo, eis que:

*Replicou-lhe o jovem: **Tudo isso tenho observado; que me falta ainda? (Mt 19:20)***

Como se não bastasse, faltava-lhe algo e este algo era o que lhe disse Jesus:

***Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. (Mt 19:21).***

Jesus disse: **Se queres ser perfeito.** Ou seja, ainda precisava de se desapegar dos seus bens, vendendo-os e dando aos pobres, porém com amor e resignação, desapegando-se do materialismo e construindo um tesouro no “céu” que nem as traças roem e nem os ladrões roubam, pois que este tesouro estaria gravado no coração daquele jovem, para assim estar desapegado e em condições de seguir ao Mestre. Pergunta o Jovem: **que me falta ainda?** Faltava-lhe amar o próximo como a si mesmo (Mt 19:21) e esta é a condição para seguir o Mestre.

Diante das abordagens dos proponentes, estes nos fazem uma boa observação, dizendo que antes de prosseguir, cabe uma retificação quando afirma que, conforme dissemos anteriormente *aquele moço, com efeito, se julgava quite porque observara certos mandamentos e, no entanto, recusava-se à idéia de abandonar os bens de que era dono.* Concluem os salvacionistas que ele, o jovem rico, não observava “certos mandamentos”, observava todos os mandamentos (v. 20).

Ao qual somos gratos pela correção de que o jovem rico observava todos os mandamentos do Decálogo, obrigado!

Concluem os proponentes dizendo que Jesus listou apenas um dos grandes problemas de quem tem riquezas, o apego aos bens materiais. Se aos ricos, conforme vocês mesmos inferiram que os discípulos entenderam, **seria impossível a Salvação, por isso ficaram maravilhados, quem então pode ser salvo?** Claro está que a pergunta dos discípulos aqui não contemplavam apenas os ricos, pois destes Jesus tinha acabado de comentar a respeito. Não ficaram maravilhados por que era aos homens impossível a salvação e sim após esta passagem:

*E ainda vos digo que é mais fácil passar um **camelo** pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. (Mt 19:24).*

A ordem dos fatores altera produto, ou seja, a inversão do sentido do ensinamento desta parábola, quando é complementada: **Ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados.** Isto é, os discípulos ouviram o ensinamento e ficaram grandemente maravilhados e não que **seria impossível a Salvação, por isso ficaram maravilhados.** O que afirmam é o inverso do que o texto diz, pois os apóstolos se maravilharam com o ensinamento da parábola do Jovem Rico e que explanamos anteriormente.

Encerram os articulistas: em sua resposta, Jesus teria uma bela oportunidade de responder “os pobres”, ou então, quem sabe, “quem se esforça”, mas a palavra foi dura e direta: **aos homens é impossível!** Não há como querer dizer que ele se referia aos ricos pois, dos ricos ele tinha acabado de comentar a respeito. Onde? Em qual passagem? Eis a resposta **aos Ricos:**

*E ainda vos digo que é mais fácil passar um **camelo** pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. (Mt 19:24).*

A palavra **Camelo** ao tempo de Jesus, as cordas de amarrar navios eram feitas de pêlos de camelo e eram conhecidas como camelo e assim como no verso anterior Jesus disse que dificilmente um rico entraria no reino dos céus. Subentende-se que não é impossível que este entre, e **Ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: Sendo assim, quem pode ser salvo? Jesus, fitando neles o olhar, disse-lhes: Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível. (Mt 19:25-27).** Existem evidências demais para implicar outro sentido. A parábola se refere ao Jovem Rico e como desfecho, dizem os salvacionistas que a Salvação é uma só: Seguir a Cristo! Foi a condição sine qua non colocada por Jesus na continuidade deste capítulo (vs. 27 a 30). Ora, e dissemos que não era para segui-lo? Seguir a Jesus é desapegar-se dos bens materiais e procurar amar ao próximo como a nós mesmos. Observar os mandamentos no Decálogo não era suficiente, era e ainda é preciso desapegar-se do materialismo que irriga o egoísmo e sufoca a fraternidade e a receita é amar o próximo, esta é a condição sine qua non colocada por Jesus. Negar tal evidência seria como negar os ensinamentos do próprio Mestre. Há um ditado que diz: Deus ajuda a quem cedo madruga. Os que se esforçam serão fortalecidos, mas terão que se esforçar. Não podem jogar a responsabilidade nas costas de outro.

Pois bem, este tópico retrata o que entendemos sobre o verso tão polêmico das partes conclusivas da parábola do Jovem rico, já analisada anteriormente e citando-a: **Ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: Sendo assim, quem pode ser salvo? Jesus, fitando neles o olhar, disse-lhes: Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível. (Mt 19:25-27)**. Acreditamos que à partir do verso 25 em diante, os apóstolos entenderam que eles depreenderam literalmente que é mais fácil um **camelo** passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus. Após este entendimento já esclarecido, fica claro que o questionamento posterior referia-se a este posicionamento de Jesus.

Ademais, o que Jesus havia dito naquele instante e diante do contexto é que não haveria possibilidade daquele jovem, mesmo seguindo a Torá, se elevar ao céu à condição de moral necessária para angariar as bem-aventuranças, era necessário dedicar-se ao próximo, auxiliá-lo em sua vida, diminuir-lhe as suas dores, exercitar o amor fraterno. Se não optarmos por realizar este ato, por nós mesmos, não poderíamos alcançar a salvação, já que dependeríamos desta conscientização interior, voltar ao caminho reto e seguir pelo amor ao próximo. Jesus, nesta ocasião colocou o materialismo e o egoísmo com empecilho para alcançarmos esta salvação e conscientização, pois é preciso de nos amar uns aos outros, a fim de conseguirmos esta salvação junto ao próximo. Este é o princípio de que **“Fora da Caridade não há salvação”**, pois sem o amor praticado para com o nosso próximo é impossível nos salvar por si só.

Este princípio de **“Fora da Caridade não há salvação”** está ligado às palavras do Mestre, tendo em vista de que Ele nos orientava de quem quisesse vir após ele, a si mesmo devia se negar e tome a sua própria cruz dia-a-dia e siga-O (**Lc 9:23**). Seguir o Mestre é realizar toda a moral contida nos Evangelhos e *quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará. (Lc 9:24)*. O que o Mestre quis nos passar com este ensinamento? O de que era necessário darmos a nossa dedicação ao Mestre e o que adiantaria ganharmos o mundo inteiro se porventura perdêssemos a nós mesmos? De nada valeria, pois deveríamos buscar o Mestre nos mais pequeninos, pois é a eles a quem Jesus assiste e se encontra,

*...porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me. Então os justos lhe perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? E responder-lhes-á o Rei: **Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes...** (Mt 25:31-46).*

Por este motivo que é impossível ao homem fazer um outro entrar no reino dos céus, já que se mantivermos o egoísmo em nosso coração, jamais iremos alcançar esta conscientização, e isto homem nenhum desse mundo pode fazer pelos outros. Precisamos mudar o nosso mundo interior e, por conseguinte o mundo em que vivemos. **A fraternidade é o único meio de sermos salvos e Jesus a fez como base de julgamento e de que a Verdade é que “Fora da Caridade não há salvação”, pois foi o que Ele vivenciou.** É nisto que acreditamos e este é o Jesus

que cremos – Atitude para com o próximo, pois por nós mesmos, irá nos restar apenas o egoísmo e a fraternidade, juntamente com a humildade serão um dos seus únicos meios de combater este mal que nos assola!

Após a bela parábola do Jovem Rico, Jesus nos apresenta a consciência de nos desapegarmos do pesado fardo do materialismo, do apego aos bens materiais e aos vícios que nos distancia das virtudes. Por este motivo que aos homens é impossível de se conscientizarem, pelo simples fato de precisarmos de que Deus, através de Jesus, nos coloque este despertar no coração, dizendo-nos no âmago o que precisa ser retirado de nossos ombros, nos dando um jugo leve e suave, apresentado pelo Mestre, amando o próximo como a nós mesmos, assistindo-nos uns aos outros, a fim de que possamos vivenciar o Evangelho, mudando o nosso mundo interior e o mundo em que vivemos.

Neste intento, entendemos que após o estado de perplexidade e admiração dos apóstolos pelo ensino da parábola do Jovem Rico, veio à pergunta, posteriormente trazendo a dúvida de quem poderia ser salvo. Jesus, de forma enfática, diz ser impossível aos homens, sendo tudo possível para Deus, todavia, a impossibilidade é pelo fato do homem não ter como conseguir esta conscientização das virtudes a serem seguidas, por este motivo que aos homens é impossível, pois é preciso uma direção, um caminho de perfeição Moral, seguido pelo sentimento e conhecimento de si mesmo.

O Pai na sua misericórdia nos enviou este modelo de perfeição e guia para os nossos pés que é o Mestre Jesus. Com o relato da pequena história que pudemos apresentar, cremos que somente nos elevando ao seio das virtudes celestes, pela prática diária do Evangelho é que poderemos nos libertar, despojar, salvar-nos, conscientizar-nos das iniquidades e delitos, retomando o reto caminho e buscando no Pai, através de seu filho, a salvação que só a Ele compete nos apresentar as virtudes que devemos praticar. A prática leva ao Mestre e por Ele veremos ao Pai e seremos um como eles o são, bem como:

*Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; **a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós**; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, **para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim**, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim (Jo 17:20-23).*

## 10. O objetivo do Espírito da Verdade

Neste curto tópico, abordaremos assuntos sendo tratados de forma primária (importante) e secundários do papel do Espírito da Verdade, segundo a visão dos salvacionistas. Neste intento, dizem que **pulando as quilométricas explicações sobre “riquezas materiais” encontradas na codificação espírita**, se admiram de haver tantos entendimentos divergentes entre os evangélicos. Ou seja, em outras palavras, pulando todo o contexto analisado acima, acerca da parábola do Jovem Rico, os salvacionistas nos trazem este jargão: **“pulando as quilométricas**

**explicações**”, como justificativa de não querer dar o braço a torcer diante de nossa análise, mas não vamos obrigá-lo a nada, pois cada um comenta o que quiser comentar.

Todavia, os salvacionistas dizem que: realmente reconheço que há, porém a esmagadora maioria apenas nas questões secundárias. Entender que Matias ou Paulo seja o 12º apóstolo em nada vai danificar a Salvação que temos em Cristo. Reconhece que há muitas divergências entre os evangélicos. Entretanto, **quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir.** (Jo 16:13). O Espírito da Verdade irá guiar os demais por **toda a verdade** e não por assuntos essenciais. Mas ainda encerra os articulistas que para estas questões secundárias temos uma certa liberdade, uma vez que a **“função” do Espírito Santo é convencer do pecado, da justiça e do juízo**. Mesmo que muitos protestantes e católicos divergem sobre quem é o 12º apóstolo, com certeza não divergiremos no essencial. Segundo a função do Espírito da Verdade **é convencer do pecado, da justiça e do juízo**, entretanto, como disse Jesus, esta não era a única missão do Consolador e o que os salvacionistas já disseram, mas algo mais: **o Espírito da verdade, ele vos guiará a “TODA” a verdade**. Toda a verdade não implica em que haja assuntos principais ou secundários, já que toda a verdade não exclui um ou outro, antes os coloca no mesmo patamar, já que não pode haver verdades que divergem.

Encerram os salvacionistas dizendo que: pergunte a ele ou qualquer evangélico, por exemplo, como fazer para nos salvarmos. Um assunto interessante é o fato da Trindade e do fato de Jesus ser Deus na concepção evangélica, um tema que tenho a certeza de que para os mesmos salvacionistas e o seu conceito, por assuntos secundários e principais, estes são assuntos primordiais para sustentar a sua tese da **“função” do Espírito Santo**. Ao contrário, vemos diversos Evangélicos divergirem neste quesito de assuntos essenciais.

## **11. A parábola do administrador infiel e uma explicação sobre este assunto correlato**

Vemos como correlata com a passagem abordada que foi a do Jovem Rico. Neste intento, sugerimos aos demais leitores, o **capítulo XVI do ESE, dos itens 1º ao 15º** como adendo a nossa abordagem. Com efeito, lançamos a passagem abaixo e os nossos comentários, bem como de outros autores.

*Disse Jesus também aos discípulos: Havia um homem rico que tinha um **administrador**; e este lhe foi denunciado como quem estava a defraudar os seus bens. Então, mandando-o chamar, lhe disse: Que é isto que ouço a teu respeito? Presta contas da tua administração, porque já não podes mais continuar nela. Disse o administrador consigo mesmo: Que farei, pois o meu senhor me tira a administração? Trabalhar na terra não posso; também de mendigar tenho vergonha. Eu sei o que farei, para que, quando for demitido da administração, me recebam em suas casas. Tendo chamado cada um dos devedores do seu senhor, disse ao primeiro: Quanto deves ao meu patrão? Respondeu ele: Cem cados de azeite. Então, disse: Toma a tua conta, assenta-te depressa e escreve cinqüenta. Depois, perguntou a outro: Tu,*

quanto deves? Respondeu ele: Cem coros de trigo. Disse-lhe: Toma a tua conta e escreve oitenta. E elogiou o senhor o administrador infiel porque se houvera atiladamente, porque os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz. **E eu vos recomendo: das riquezas de origem iníqua fazei amigos; para que, quando aquelas vos faltarem, esses amigos vos recebam nos tabernáculos eternos.** Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito. Se, pois, não vos tornastes fiéis na aplicação das riquezas de origem injusta, quem vos confiará a verdadeira riqueza? Se não vos tornastes fiéis na aplicação do alheio, quem vos dará o que é vosso? **Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.** (Lc 16:1-13)

Há em algumas traduções, no primeiro versículo, ora como sendo administrador, ora mordomo, todavia, averiguando as duas nomenclaturas, estas não poderiam fugir à questão do entendimento de que tanto o administrador, quanto o mordomo desempenham funções que possuem certas similaridades.

Neste intento, estaremos abalizando em diversos autores para termos um paralelo ao entendimento coletivo de obras espíritas em conformidade com o que nos apresenta a Codificação, com efeito, apresentamo-os nas linhas abaixo:

*Esta parábola, interpretada ao pé da letra, pode dar a entender que o Mestre esteja apontando o roubo e a fraude como exemplos de conduta dignos de serem imitados. Considerada, porém, em seu verdadeiro sentido, segundo o espírito que vivifica, encerra uma profunda lição de sabedoria e de bondade que poucos hão sabido entender.*

*Inicialmente, identifiquemos as duas principais personagens da historieta evangélica, e o local em que a ação se desenrola. **O rico proprietário é Deus, o Poder Absoluto que sustenta todo o Universo; o mordomo é a Humanidade, ou seja, cada um de nós; e a fazenda é o planeta Terra, campo em que se desenvolve atualmente nossa evolução.** (grifo nosso).*

**Os bens que nos foram dados a administrar é tudo o de que nos jactamos estultamente nesta vida: propriedades, fortuna, posição social, família e até mesmo nosso corpo físico. Todas essas coisas nos são colocadas à disposição pelo Supremo Senhor, durante algum tempo, a fim de serem movimentadas para benefício geral, mas, em realidade, não nos pertencem.** (os grifos são meus). A prova disso está em que sempre chega o dia em que seremos despojados delas, quer o desejemos, quer não.

*Nossa infidelidade consiste em utilizarmo-nos desses recursos egoisticamente, como se fossem patrimônio nosso, dilapidando-o ao sabor de nossos caprichos, esquecidos de que não poderemos fugir à devida prestação de contas quando, pela morte, formos despedidos da mordomia. Pois bem, já que abusamos da Providência, malbaratando os bens de que somos simples administradores, tenhamos ao menos o atilamento do mordomo de que fala a parábola.*

*Que fez ele? Para ter quem o favorecesse, quando demitido do cargo que desempenhava, tratou de fazer amigos, reduzindo as contas dos devedores de seu amo. É o que Jesus nos aconselha fazer, quando diz: "granjeai amigos com as riquezas iníquas". Em outras palavras, isto significa que os sofredores de todos os matizes são criaturas que se acham endividadas perante Deus, são pecadores que têm contas a saldar com a Justiça Divina, e auxiliá-los em suas necessidades, minorar-lhes as dores e aflições, equivale a diminuir-lhes as dívidas, de vez que, via de regra, todo sofrimento constitui resgate de débitos contraídos no passado.*

*Se assim agirmos, ganharemos a amizade e a gratidão desses infelizes, que se solidarizarão conosco quando deixarmos este mundo, bem assim a complacência do Pai celestial, porque muito Lhe apraz ver-nos tratar o próximo com misericórdia. Não falta, aqui na Terra, quem admire "os filhos do século" pelo fato de se empenharem a fundo, com inteligência, denodo e sacrifícios até, no sentido de assegurarem aquilo a que chamam "o seu futuro".*

*Quão maiores louvores, entretanto, haveriam de merecer de Deus "os filhos da luz", os já esclarecidos acerca da vida espiritual, se procedessem com igual esforço e dedicação, empregando a bondade na conquista dos planos superiores, situados além deste orbe de trevas?*

*Sejamos, pois, colaboradores fiéis da Divindade, gerindo os bens materiais de que dispusermos em conformidade com os ensinamentos sublimes que nos foram ditados por Jesus no Sermão da Montanha; assim fazendo, estaremos acumulando, no céu, um tesouro verdadeiramente imperecível. Sim, porque as virtudes cristãs, que fomos adquirindo no convívio com nossos semelhantes, são as únicas riquezas efetivamente nossas, e só elas nos poderão dar a felicidade perfeita, nos tabernáculos eternos! (Parábolas Evangélicas, Rodolfo Calligaris, Rio de Janeiro: FEB, 1987, pp. 103-107).*

Este primeiro autor, o Rodolfo Calligaris, este nos infere analogias que Jesus havia feito na questão de quem era o rico proprietário que era Deus, os mordomos ou administradores que eram toda a humanidade e por fim a fazenda que era o planeta Terra. Os bens que foram confiados ao administrador, estes são todas as coisas que nos foram postas a administrar e se somos infiéis com as nossas atitudes, somos penalizados por este comportamento.

O fato mais interessante é a abordagem que é realizada quando Jesus diz que "**granjeai amigos com as riquezas iníquas**". A primeira vista, parece-nos que há uma grave contradição em Jesus nos induzir a desonestidade, mas o sentido mais profundo nos revela o real ensinamento de que se nos dispusermos a amenizar as dores e aflições daqueles que estão em débito com a Justiça Divina, aliviando os seus matizes e suplícios morais e até físicos, estaríamos angariando estes em que nos propusemos a auxiliar a quitação de seus débitos, com efeito, o bom relacionamento com estes devedores da Lei Divina em que levamos o consolo, nos concederia o que realmente é nosso, para que pudéssemos estar nos tabernáculos eternos pela prática das luzes evangélicas com a as riquezas de nossas virtudes que são imperecíveis. Eis o segundo autor:

*Esta parábola de Jesus tem merecido as mais desencontradas interpretações no decurso dos tempos pelo fato de, aparentemente, encerrar uma apologia à desonestidade e uma consagração à fraude. Muitos supõem que o fato de Jesus recomendar que se deva **"granjear amigos, com o dinheiro da injustiça"**, representa um incentivo à conquista de fortunas ilícitas, pois, afirmam: "uma vez que se faça amigos com aquilo que é contraído desonestamente, não haverá maiores problemas".*

*Ninguém ignora, entretanto, que no Evangelho não existe nada dúbio, e que não é esse o espírito do ensinamento contido na parábola. O mordomo infiel foi descoberto na prática de atos de desonestidade e, como decorrência, viu-se na iminência de perder o seu cargo. Agindo com verdadeiro espírito de previsão, ele achou que o caminho mais acertado, uma vez que já havia cometido o erro, seria aquele de granjear amigos, para que estes, quando ele estivesse privado da mordomia e na condição de penúria, o ajudassem como amigos.*

*Chamando todos os devedores do seu senhor, reduziu as dívidas de cada um, e o senhor, ao tomar conhecimento da sua atitude desleal e infiel, admirou-se de sua prudência. Jesus por sua vez esclareceu que **"os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz"**.*

*Qual será a linha divisória entre os bens adquiridos legítima ou ilegítimamente? O apóstolo Tiago, em sua Epístola Universal, assevera: "O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram, e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e comerá fogo a vossa carne. Entesourastes para os últimos dias. Eis que o jornal dos trabalhadores que ceifaram as vossas terras, e por vós foi diminuído, clama." (Tg, 5:3-4)*

*O usurpador dos bens do próximo tanto é aquele que rouba ostensivamente, como aquele que, no dizer judicioso de Tiago: "diminui o salário dos seus trabalhadores", locupletando-se com um patrimônio que poderia ter mitigado fome, proporcionando saúde, bem-estar, educação e até estancado lágrimas.*

*Tiago preconiza que, se o ouro ou a prata dos nossos tesouros materiais se enferrujarem, a ferrugem clamará contra nós. Ferrugem essa causada pela estagnação da riqueza, pela avareza, pela falta de uma aplicação sadia, que venha a beneficiar a coletividade; ferrugem simbolizada nas pessoas que mercantilizam com seus dons e com sua inteligência; ferrugem representada pelo saber, pelo conhecimento, que muitas pessoas guardam, egoisticamente, apenas para si.*

*Um indivíduo que, sem conhecer os seus reflexos no mundo espiritual, tenha adquirido uma fortuna ilegítima e resolve por um paradeiro. em seu erro, obviamente poderá reduzir o clamor de que fala Tiago, e minorar as conseqüências do desajuste que sofrerá nos planos espirituais, tomando como exemplo o feito do publicano Zaqueu, (**Lucas, 19:1-10**), que, ao receber em seu lar a visita de Jesus, decidiu-se espontaneamente a repartir com os pobres metade da sua fortuna e a restituir quatro vezes mais às pessoas a quem havia espoliado. **Zaqueu fez como o mordomo da parábola: granjeou amigos com o dinheiro que havia acumulado através da prática da injustiça, e, quando se dispôs a reparar a falta, Jesus o elogiou, dizendo: "Zaqueu, hoje entrou a salvação em tua casa!"***

A Parábola do Rico e de Lázaro, (**Lucas, 16: 19-31**), nos revela as conseqüências funestas com que se depara um Espírito que "não soube ser prudente, granjeando amigos com as riquezas contraídas com a prática da injustiça": o rico da parábola não encontrou amigos nos "tabernáculos eternos", nem para "molhar o dedo na água e refrescar a sua língua": Ele não amparou Lázaro, não procurou ajudá-lo a encontrar meios de minorar as suas dores, e, como decorrência, após ultrapassar o limiar do túmulo, não obteve permissão para que Lázaro, que habitava "os tabernáculos eternos", viesse aplacar as atribulações que o acometiam.

O homem que Deus situa na Terra, cumulado de todas as prerrogativas, desfrutando das facilidades da saúde, da paz, da educação, dos benefícios do instituto familiar, mas que malbarata todos esses valores, simboliza o Mordomo Infiel, esbanjando os talentos que Deus, nosso Pai, lhe confiou.

Entretanto, como o filho deste século é mais prudente do que os filhos da luz, esse mordomo infiel poderá auxiliar o seu próximo, minorando seus sofrimentos, ajudando-o, desta forma, a ter mais força para levar avante a sua tarefa.

O mais apreciável bem que poderíamos fazer ao nosso semelhante, é ajudá-lo no processo de auto-iluminação. A criatura esclarecida consegue evitar desvios e furtar-se à prática de atos danosos, que levam a contrair novas dívidas perante a Justiça Divina. Por isso, proclamou o Mestre: "Conheça a verdade e ela vos fará livres"

Se alguém contribuir para elucidar um Espírito encarnado, iluminando a sua senda e proporcionando-lhe maiores condições de poder discernir o bem do mal, dando-lhe condições de diminuir suas dívidas para com a Justiça Divina, estará atuando como o Mordomo Infiel, que, apesar de ter esbanjado os talentos que Deus lhe confiou, soube ser diligente no gerir de sua vida material e, pelo menos, amparou o seu próximo, ajudando-o a carregar o seu pesado fardo: obviamente, esse seu próximo, agradecido, o ajudará como amigo quando, pela morte do corpo, for despojado da mordomia e se ver face aos "clamores" no mundo espiritual.

O mais formal desmentido às interpretações dúbias da parábola do Mordomo Infiel está contido nas últimas palavras da narrativa: "Pois se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras? E se no alheio não fostes fiéis quem vos darão que é vosso?" Na realidade, Jesus deixa implícito nesse ensinamento sobre, se não soubermos aplicar a fidelidade no trato das riquezas injustas, quem nos confiará as riquezas verdadeiras, pois, é óbvio que a nossa infidelidade nas coisas pequenas, também é válida nas coisas grandes: se não soubermos ser fiéis naquilo que não é nosso, quem esperará a nossa fidelidade naquilo que é nosso? O apóstolo Paulo recomendou que aprendêssemos a nos livrar das coisas corruptíveis para que pudéssemos entrar no gozo das coisas incorruptíveis: Se não soubermos gerir bem as coisas da Terra, como nos poderão ser confiadas as coisas do Céu? (As Maravilhosas Parábolas de Jesus, Paulo Alves Godoy, São Paulo: FEESP, 1991, pp.19-23).

Este segundo autor, o Paulo Alves Godoy nos apresenta uma mesma linha de argumentação do primeiro que trouxemos, mesmo que com outras palavras, nos deu um entendimento correlato. Neste intento, eis o terceiro autor e seu parecer: A parábola nos fala de um administrador (mordomo) que se comportou desonestamente. Então, chamado às contas, antes que fosse despedido convocou os devedores do proprietário (o senhor) e mandou que confessassem dívidas menores que as verdadeiras; com esse estratagema visava a captar a boa vontade deles. E o senhor (proprietário) louvou sua astúcia. Assim, à primeira vista, parece que Jesus incentiva (já que aprovou) a prática de atos ilícitos, do roubo e da fraude.

***Todavia, como sempre, é preciso interpretar as Escrituras segundo o espírito que vivifica. (Os grifos são meus). A parábola representa, simbolicamente, as seguintes personagens: O proprietário, ou senhor, é Deus; o mordomo infiel é o homem; a propriedade é o mundo; os devedores beneficiados são o nosso próximo; os bens dados à administração é tudo: bens, propriedades, fortuna, posição social, filhos, cônjuge, família e até mesmo o corpo carnal; porque todas essas coisas são colocadas por Deus, o Senhor, à disposição do homem durante certo tempo. Mas, não pertence ao homem, porque lhe podem ser tiradas a qualquer instante; de fato: quem é casado, pode ficar sem seu cônjuge, portanto, não é proprietário dele; identicamente, os filhos, os pais, podem, a qualquer instante, serem levados, portanto, não são propriedade individual.***

*No uso e administração de qualquer desses bens, o homem procede como mordomo infiel: apropria-se deles com exclusivismo, egoisticamente, acumula-os só para si, desrespeita os direitos alheios, prejudica o próximo. A "infidelidade" está em se apossar do que nos é dado temporariamente, "para administrar".*

*"O homem sendo o depositário, o administrador dos bens que Deus lhe depositou nas mãos, severas contas lhe serão pedidas do emprego que lhes dará, em virtude do seu livre-arbítrio. O mau emprego consiste em utilizá-los somente para a sua satisfação pessoal. Ao contrário, o emprego é bom sempre que dele resulta algum bem para os outros. O mérito é proporcional ao sacrifício que para tanto se impõe." (KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo XVI, item 13).*

*Mas, chega sempre o instante da tomada de contas; cada vez que ocorre a desencarnação ("morte", como o povo diz) há uma prestação de contas, porque deixando de viver no mundo da matéria, o homem não pode ficar na administração de seus bens.*

*A parábola louva a sagacidade de um desses administradores; sabendo que nada podia alegar em sua defesa, granjeia amigos com a riqueza da iniqüidade, isto é, ganha a amizade de várias pessoas com a riqueza do Senhor e que estava sob sua guarda, temporariamente.*

*E, assim, chegamos ao tema central da parábola: - Significa que se deve aproveitar a oportunidade da reencarnação para beneficiar os que sofrem, e para minorar os padecimentos dos necessitados. É necessário fazer o bem sempre. **Com isso, esses a quem se beneficia aqui na Terra serão aqueles***

**que, futuramente, receberão o benfeitor no Plano Espiritual. (Algumas versões usam a expressão nos "tabernáculos eternos" que significa o "céu", as moradas espirituais felizes, o Plano Espiritual).** (Os grifos são meus).

É com referência à necessidade de se proceder deste modo, que Jesus empregou a expressão "os filhos do século (do mundo) são mais sábios na sua geração do que os filhos da luz" (ou, em algumas versões, "os filhos do século são mais avisados no gerir seus negócios do que os filhos da luz"); ou seja, o homem de negócios é sábio preparando e assegurando seu futuro enquanto aqui no mundo; "os filhos do século", ou seja, o homem materializado, luta, sacrifica-se, procede com arrojo e engenho para satisfazer sua ambição de acumular riquezas. Ora, se "os filhos da luz", isto é, os já esclarecidos, já espiritualizados, procedessem com o mesmo denodo e afã na esfera do bem, certamente que já teriam galgado os Planos da Espiritualidade, as "moradas felizes".

Todavia, há um aspecto importantíssimo da parábola que é preciso considerar; é a advertência de Jesus: Quem não é fiel no uso dos bens perecíveis, os bens temporais, como poderá sê-lo no dos bens verdadeiros, os bens espirituais? E quem não é fiel na aplicação do bem alheio, como poderá receber no mundo espiritual o que a ele lhe compete? Aí está a condenação do roubo e do emprego de meios ilícitos.

E também: a riqueza classificada por Jesus como sendo "o pouco", "iníqua" e "alheia" é a que consiste nos bens materiais. Ao reverso, a riqueza chamada de "o muito", "legítima" e "inalienável" é a que resulta da evolução do Espírito, representada pelos bons predicados do caráter; são as virtudes.

Assim, outro grande ensinamento desta parábola é que toda riqueza material é *iníqua*, no seguinte sentido: a terra não é propriedade de ninguém; é patrimônio comum. O homem tem apenas o usufruto dos bens materiais; porque, de fato, quando ele reencarna já encontra esses bens aí; e quando desencarna esses bens permanecem aqui.

**Isso significa que ao homem é dado desfrutar das riquezas terrenas na exata medida de suas reais necessidades.** (Os grifos são meus). O que passa daí é apropriação indébita, em prejuízo do próximo. Daí, aliás, que resulta a "infidelidade" do "mordomo" (o homem): ela procede do fato de os homens apossarem-se dos bens que lhe foram confiados por Deus, para administrá-los. Da Terra nada é nosso; não passamos de meros administradores.

A parábola nos traz ainda os seguintes importantíssimos ensinamentos:

**a) O homem rico, o senhor, não destituiu o administrador infiel inopinadamente, na hora; notificou-o antes para prestar contas da administração. Portanto, deu-lhe tempo para pensar, agir, tomar as providências que lhe aprovessem.**

Ora, como toda parábola traz ensinamentos morais encobertos por fatos materiais, devemos buscar a mensagem espiritual: Deus, sempre bondoso e

*compassivo, manda-nos avisos para alertar-nos sobre futura prestação de contas; mas, não de inopino, dá-nos tempo para refletirmos e tomarmos providências. Os avisos vêm de diversas maneiras: uma página que lemos, uma palestra a que assistimos, uma frase ouvida, um fato ocorrido, um pensamento que nos surge...*

**b)** *O senhor não coagiu o administrador a agir deste ou daquele modo; apenas tornou-o ciente de que ele tinha que prestar contas. Na interpretação espiritual, significa que o Plano Espiritual, agindo sob as ordens de Deus, não nos obriga, a nós, na qualidade de administradores infiéis de Deus, a agir deste ou daquele modo; pois respeita o nosso livre-arbítrio. Isto porque Deus nos quer como filhos livres e não como escravos.*

**c)** *O administrador infiel não cruzou os braços; buscou solução, diligenciou. É uma orientação de como devemos agir.*

**d)** *O administrador não perdoou aos devedores, apenas diminuiu-lhes as dívidas. E, de fato, quando contraímos débitos para com as Leis de Deus, temos que ressarcir-los, por causa da Lei de Causa e Efeito (também chamada da Ação e Reação). Assim, quando saldamos nossas dívidas, saímos engrandecidos, pois conquistamos méritos e nos elevamos na escala do progresso espiritual, porque ampliamos nossa capacidade.*

*Mas, como Deus é Amor, a Bondade divina se manifesta sempre a nosso favor, em compensação ao nosso esforço, à nossa luta, amparando-nos, socorrendo-nos, ajudando-nos, o que se traduz praticamente por uma diminuição do débito. Além de que, levando em conta nosso esforço, nossa dedicação, a Misericórdia divina sempre diminui o peso que carregamos.*

**e)** *Um ponto interessante da parábola é que o administrador ao diminuir os débitos dos devedores, não agiu com intenção de defraudar seu senhor, ou dilapidar-lhe os bens, pois que, na prestação de contas, que mais tarde ele teria que fazer, certamente que o senhor ficaria sabendo da redução dos débitos. Assim, temos que concluir que o administrador, por ainda não haver sido destituído de suas funções, agiu legalmente, em conformidade com o poder inerente ao seu cargo.*

*Logo, também nós, perante Deus e o Plano Espiritual, temos que proceder da mesma forma: já que nos foi outorgada a administração dos bens a nós confiados, temos o poder inerente para aliviar o peso que sufoca o devedor à nossa volta. O cuidado que devemos ter, em consonância com os ensinamentos evangélicos é a advertência **"A cada um, conforme suas obras"** (Jó 34: 11; Salmo 28:4 e 62:12; Isaías 59:18; Apocalipse 20:12 e 20:13).*

**f)** *Finalmente, o administrador procurou conquistar amigos encarnados, simbolizados na expressão "para que me recebam em suas casas". Porém, o senhor, ampliando as vantagens de se fazer o bem, esclareceu que também ganhamos Amigos no Plano Espiritual (nos tabernáculos eternos).*

*Encerrando a parábola, Jesus chama a atenção que ninguém pode servir com*

o mesmo zelo a dois senhores: a Deus e a mamom. ("mamom" é uma palavra aramaica que significa "riquezas".)

Os cristãos têm o dever de servir somente a Deus, não se sujeitando aos "filhos do século" que sempre querem dominar a consciência alheia. Observação: Ver o capítulo XVI de O Evangelho Segundo o Espiritismo, "Servir a Deus e a Mamom".

---

(1) Cado: Vaso de barro para guardar vinho, azeite e outros líquidos; equivale a 40 litros. (Poderíamos também dizer "barril".)

(2) Coro (pronuncie "côro"): é uma antiga medida hebraica; equivale a 450 kg. (As Parábolas de Jesus nos dias de hoje, José de Souza e Almeida, São Paulo: DPL, 2001, pp. 56-61)

Mediante este texto do autor José de Souza e Almeida, trazemos como conclusão uma terceira explanação da mesma parábola pela autora Therezinha Oliveira: Viemos a suprimir a parábola por termos citado-a logo no início de nossa abertura ao tópico, partindo para os comentários da autora.

**Observação:** As medidas usadas foram cados (para o azeite) e coros (para o trigo) diz **Carlos Torres Pastorino, em Sabedoria do Evangelho, volume 6, página 26.** Aqui as adaptamos para as medidas mais usadas entre nós.

### **A difícil interpretação**

*Esta parábola foi registrada apenas por Lutas e sua interpretação, no aspecto moral, parece muito difícil, em princípio, porque: um homem dissipa os bens do seu senhor, é denunciado e vai ser demitido; para conseguir a benevolência e ajuda dos que devem ao senhor, frauda na prestação das contas. E é elogiado?! E Jesus nos diz para imitá-lo?! Parece uma exaltação da esperteza desonesta! Jamais o Mestre ensinaria algo moralmente mau. Para alcançar o verdadeiro sentido da parábola, aprofundemo-nos em seu simbolismo.*

### **Que é um mordomo**

*A expressão vem do latim maior domus (o maior na casa) e designa o chefe dos criados de um soberano ou de uma casa de grande estado. Sua função é administração a casa, os bens do Senhor, e supervisionar o trabalho dos demais servos, empregados, com eficiência e fidelidade. Foi o que não fez o mordomo da parábola. Como conseqüência está perdendo o emprego e tem de fazer logo uma prestação de contas de tudo ao seu senhor.*

### **Ante a situação**

*Que hei de fazer? pergunta-se ele. Está preocupado, mas não desanimado nem inerte. Examina a situação, procurando uma solução, verificando as alternativas.*

*Lavrar a terra? Não posso! Por que não? Há muito tempo estava realizando apenas o trabalho de organização e administração dentro de casa,*

*evidentemente, estaria destreinado, sem condições físicas para voltar ao serviço braçal no campo, sob o sol inclemente, cavando a terra.*

*Mendigar? Tenho vergonha! Até agora dispunha, mandava, distribuía em nome do Senhor. Seria muito humilhante para ele passar a pedir o socorro de outros, ou ficar na dependência de alguém.*

*E na parábola dos talentos, Jesus coloca que um homem tendo de viajar, ausentando-se do país, confiou os seus bens aos seus servos e depois partiu. Essa "ausência", após haver entregado os bens, expressa o livre-arbítrio que Deus nos concede para agir na vida.*

*Com que liberdade agimos sobre os recursos que Deus coloca ao nosso alcance! É tanta que até chegamos a nos sentir como donos... Mas não somos! Os bens não são nossos e, sim, do Senhor. Apenas os estamos administrando, empossados neles de modo temporário e precário. O Senhor vai voltar e teremos de prestar contas!*

*Nossa função é a de mordomo: cuidar de seres e bens do Senhor, segundo a vontade e desígnios. Dele, procurando preservar e, fazer render todo o possível para a bem geral nesta casa do Senhor, a Terra.*

*Temos feito isso? Estamos sendo mordomos fiéis? Ou usufruindo egoisticamente, em proveito próprio? Ou deixando sejam usadas sem controle, nem responsabilidade na área de nossa influência? Essa negligência e irresponsabilidade nossa como mordomos acarreta dissipação dos bens do Senhor, desordem em sua casa.*

### **A denúncia**

*A parábola não diz quem denunciou ao senhor o mordomo infiel que lhe havia dissipado bens, mas quanto a nós, espíritas, a lei de causa e efeito é que aponta tudo que fazemos ou deixamos de fazer, na Terra ou, onde estivermos.*

*Pela repercussão de nossos atos na vida, sobre coisas e seres, Deus está "ouvindo" falar de nós! Se os atos são maus, a que está escutando de nós não é bom... Se maus ou omissos, pois não fazer o bem que se pode já é um mal.*

*Como o senhor na parábola chamou o mordomo denunciado, Deus também está nas chamando e pergunta: Que isto que ouço falar de ti? Deus nos chama e nos fala pela voz da consciência, nas instruções e apelos espirituais que nos vêm de encarnadas ou não e, ainda, pelos efeitos que nossos atos estão causando em nós e naqueles que nos rodeiam.*

*Um mordomo prudente e fiel está sempre atento à prestação de contas que terá de fazer, mantendo tudo anotado e correto. O mordomo infiel, invigilante, não presta atenção no que está acontecendo, faz ouvidos moucos aos reiteradas sinais e avisos que lhe chegam e só percebe que a situação ficou difícil, quando recebe...*

### **O ultimatum**

*Presta contas da tua mordomia, pois já não poderás ser mais meu mordomo. O senhor pode nos tirar a mordomia, destituir-nos de encarregados seus neste mundo, fazendo-nos perder situações, haveres ou pessoas. E há um ultimatum que todos, um dia, recebemos. É fatal, decisivo, não podemos evitar de receber e não temos como lhe resistir: é a morte, a desencarnação, que nos desapossa inteiramente de toda mordomia terrena.*

*Se Deus não a tirasse de nós, continuaríamos usando abusiva e irresponsavelmente os bens da vida, sem querer prestar contas, de nada, a ninguém, nunca! Por isso mesmo, em nosso atual estado evolutivo, a morte física, a desencarnação, é uma imposição necessária e providencial, periódico e obrigatório "balanço", para que revisemos, reajustemos, renovemos nosso modo de ser e agir.*

*Com Jesus, isso não precisa acontecer: Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho-o poder para a dar e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai. (João 10:17/18) Deus nunca precisa tirar de Jesus a mordomia na Terra ou no plano-espiritual porque Jesus emprega sua vida em que, como e quando a lei de Deus o quer.*

*Para o mordomo fiel, a obrigatória prestação de contas é um processo natural e tranqüilo, sem sustos ou aflições. Deus o acha fiel. Empregou bem seus encargos e poderes, portanto, eles não lhe são retirados, é mantido neles na vida espiritual ou pela reencarnação; e ainda lhe são confiados novos bens e oportunidades, como confirma a parábola dos talentos: Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei. Mas como fica o mordomo infiel, quando a morte o desaloja dos bens e encargos terrenos? Nada construiu de bom espiritualmente, fica sem perspectivas boas de futuro, tanto para a vida no plano espiritual como em, relação à sua próxima reencarnação.*

*E se ficarmos nessa triste situação, como o infiel mordomo, o mau administrador da parábola? Para ele, achávamos: errou, que se cumpra a justiça divina! Para nós, pedimos: misericórdia! Que hei de fazer? Como enfrentarmos a situação? Tentar negar, refutar as acusações? Tolice. São verdadeiras. Por descuido ou má-fé, dissipamos mesmo.*

*O mordomo infiel não perdeu tempo procurando inutilmente se desculpar. Em vez disso, examinou as possibilidades reais de saída. Quando desalojados deste mundo; pela desencarnação, quais as nossas possíveis alternativas? Será que iremos:*

**Lavar a terra?** *Enfrentar situações mais primitivas e rudes, como, por exemplo: Ao desencarnar, ficarmos presos no umbral inferior, região fluídica habitada por espíritos sofrendores ou maus; Ou, ao reencarnar: nascer com enfermidades, limitações físicas; ao abandono de família; na miséria; no idiotismo; em local inóspito, como as geleiras, os desertos, à selva... Se bem que, a reencarnação é sempre uma bênção e, onde quer que estejamos, como e com quem estivermos, sempre é possível viver, progredir, construir um futuro melhor. Mas, ante tudo de que hoje desfrutamos, acostumados a atividades*

*melhores, recursos maiores, não nos será fácil viver nessas outras condições, nos sentiremos despreparados, é uma alternativa que não nos agrada.*

***Mendigar?*** *Agora, dispomos de muitos recursos materiais e espirituais e com eles, dentro, da vida e em nome de Deus: decidimos, realizamos, coordenamos, distribuímos. E se viermos a ficar em carência espiritual, na dependência de outros para existir e sobreviver? Que vergonha!*

*Se bem que, se isso vier a nos acontecer (e para alguns já pode ter acontecido nesta reencarnação) o melhor é: enfrentar com humildade, resignação e coragem, procurando nos recuperarmos, para, no futuro, voltarmos a fazer jus à situação e funções de mordomo espiritual. Mas, apesar de já avisados a respeito pelo Senhor, ainda não morremos (a desencarnação ainda não se deu), ainda somos mordomos (mesmo que infiéis), ainda desfrutamos de certas condições neste mundo, temos a chance de acharmos outra saída (uma solução melhor) e exclamar, como o mordomo da parábola...*

***Já sei o que hei de fazer!***

*Qual a solução encontrada por ele? Chamou a si os devedores de seu senhor. Eram pessoas que também dependiam do senhor para viver e dele haviam recebido azeite e trigo, combustível e alimento (simbolizando o indispensável para a sustentação e sobrevivência do ser) e ainda não haviam pago, continuando em débito.*

*Chamou-os separadamente, discretamente, um a um, para uma conversa amigável, informando-se dos débitos de cada um. Para quê? A fim de permitir que os diminuíssem. Podia fazê-lo? Sim, pois ainda estava na função de mordomo. Que ganhou, agindo assim? Granjeou amigos que, quando ele fosse desalojado da mordomia, o ajudariam a sobreviver. Que esperto! Mas não agiu por bondade e sim, por interesse pessoal...*

*Não obstante, os que foram beneficiados, sentindo-se aliviados em suas dívidas, ficaram gratos ao mordomo e sentindo-se seus amigos. Espíritos encarnados na terra, estamos na, situação de mordomos dos muitos recursos que Deus nos confiou. Deveríamos estar cuidando bem de tudo para que houvesse boas condições e progresso para todos. Em vez disso, temos sido negligentes e infiéis.*

*Avisos? Já recebemos muitos do Senhor, através dos recursos usuais: a voz da consciência, os efeitos de nossos atos, as instruções e apelos para o bem. O mais forte, contudo, é a certeza de, que um dia desencarnaremos e teremos de prestar contas de tudo. E a desencarnação, pode acontecer logo, hoje! Pensando nisso, como reagimos? Temos medo ante o que dizemos ser o desconhecido mas em verdade não o é; tristeza porque teremos de deixar a vida corpórea com tudo que nela nos agrada; desânimo diante do inevitável da desencarnação, mas sem nada fazermos de útil, válido e positivo para mudar a situação. Lembremos da solução encontrada pelo mordomo infiel e entendamos bem o conselho de Jesus...*

***Granjeai amigos com as riquezas da iniquidade***

*Quais são elas? Quase tudo na vida, as situações, bens e poderes neste mundo são riquezas da iniquidade, porque injustas, pois, embora as tenhamos e desfrutemos, espiritualmente não fizemos por merecer. Ou são concessões divinas como empréstimos, adiantamentos de condições espirituais, ou situações ensejadas por circunstâncias da vida terrena que, bem sabemos, nem sempre são justas e lícitas perante Deus. Portanto, quase tudo que temos ou de que dispomos não é justo. Mas com tais riquezas, bens e situações, mesmo imerecidos, como e quanto podemos ajudar aos nossos semelhantes!*

*Mordomos infiéis, convém nos interessemos pelos nossos semelhantes'. Como nós, também devem a Deus, pois todos recebemos do Pai muitos recursos e bênçãos, valores maiores e mais fundamentais para a vida da alma do que o azeite e o trigo são para a vida do corpo. E nenhum de nós pagou ainda ao Criador tantas bênçãos, pois, não, produzimos de acordo com o que recebemos, não retribuímos devidamente o investimento divino em nós!*

*Interessemos-nos, principalmente, em favor daqueles por quem somos mais diretamente responsáveis diante de Deus: família, grupo religioso, social. Discreta e fraternalmente, procuremos saber de seus débitos para com Deus, de sua situação espiritual, e, com os recursos de que ainda dispomos, o que sabemos e podemos neste mundo, diminuamos esses problemas, suavizemos suas dores!*

*Assim, mesmo sendo mordomos infiéis, não tendo sabido administrar direito os bens da vida, tendo feito ou permitido a dissipação nos bens do Senhor que estavam sob nossa guarda, beneficiaremos pessoas e granjaremos sua amizade com essas riquezas e possibilidades imerecidas. E, quando essas riquezas, recursos ou possibilidades de que dispomos nos faltarem de todo (e vão faltar, mesmo, pois desencarnando, seremos desalojados da nossa mordomia), não ficaremos desamparados: aqueles a quem ajudamos, e por isso, se tornaram nossos amigos, nos receberão nos tabernáculos eternos, nos acolherão em seu coração, no campo do sentimento, em seu espírito imortal.*

*É a solução da ajuda mútua, do amor fraterno, o investimento na caridade, a "poupança" espiritual. Deus quer que nos amemos uns aos outros. Ajudar é amar. Ajudemo-nos mutuamente. Temos agido assim? Apesar dos avisos divinos, perdemos tempo e oportunidades sem nada fazermos de concreto, de efetivo, para melhorar nossa situação espiritual ante a vida. E poderíamos fazê-lo, simplesmente sendo fraternos, caridosos!*

### **Mais prudentes que os filhos da luz**

*Por isso Jesus nos diz que os filhos deste mundo (os materialistas) são mais prudentes em sua geração, em relação à vida terrena, seus negócios e interesses materiais, são mais atilados, agem com mais previsão e maior empenho do que os filhos da luz (os espiritualistas) o fazem, em relação aos seus interesses da vida imortal.*

*Apesar de saber que estamos em situação tão aflitiva e premente como a do mordomo infiel da parábola (faltosos e chamados, em breve, a prestar contas),*

*não procuramos solucionar nosso problema espiritual com tanto empenho, inteligência e presteza, como os materialistas o fazem em relação às coisas do mundo terreno.*

***E ainda afirma Jesus, ao final:*** *Quem é fiel no mínimo, também é fiel, no muito; quem é injusto no mínimo, também é injusto no muito. Mínimo é o que é material e muito, o que é espiritual. Quem não controla e dirige o pouco, não pode, não sabe administrar nem dirigir o muito. Primeiro recebemos: bens materiais, encargos menores, pequenas oportunidades para ensaiarmos, nossa atividade espiritual, demonstrarmos nossa capacidade de ação boa, acertada. Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras? Se nem os bens, as oportunidades materiais, da vida terrena (que são as riquezas injustas e mínimas), soubermos utilizar com fidelidade (em prol da vida espiritual) como nos confiarão as riquezas verdadeiras, os bens do espírito para gerirmos e cuidarmos? E se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso?*

*Quando o bem é alheio, toma-se mais cuidado em utilizá-lo, do que com os bens que nos pertencem, porque dele devemos prestar contas. No que é nosso, agimos mais à vontade, com menos preocupação. Ora, se no alheio não temos cuidado, se, nos bens e oportunidades que Deus nos emprestou não agimos com responsabilidade, como nos entregarão o que será nosso em definitivo, os bens e as possibilidades espirituais, que serão para usarmos com toda a liberdade e sempre? A filho esbanjador com o que lhe damos agora, confiaremos logo toda a sua herança? Desejamos ser dignos de bens maiores?*

*Administremos com fidelidade (usemos com acerto) os que temos em mãos agora; assim testemunhando que estamos aptos á coisas maiores. Não temos sido fiéis? Apressemos-nos em nos interessar pelos que também devem a Deus: os nossos semelhantes! Ajudemo-los a reconhecerem seus débitos, a entenderem no que estão errados, explicando-lhes as leis divinas. E, com o melhor sentimento de caridade, ajudemo-los a suportarem ou superarem suas dificuldades e, também, a corrigirem o rumo de suas vidas. **Diminuamos as dores dos que sofrem, os problemas dos que erram, suavizando um pouco a situação deles perante a lei divina.** Certamente, entre eles e nós, se estabelecerão laços de amizade e confiança, o afeto puro com que também nos acolherão em nossas necessidades, aqui ou no Além.*

*Mas façamos isto rápido, enquanto temos autoridade, poder e bens, possibilidades concedidas por Deus, ensejadas por esta reencarnação, antes que o Senhor nos tire a mordomia. É inegável que temos sido mordomos infiéis, maus administradores dos bens da vida, mas Jesus nos ensinou que no amor ao próximo está a esperança legítima e a inabalável certeza de conseguirmos equilibrar as nossas contas na contabilidade divina. **Fora da caridade, não há salvação.** (Parábolas que Jesus contou e valem para sempre, **Therezinha Oliveira, Campinas, SP: CEAK, 2003, pp.104-119).***

Mediante a explanação do terceiro e quarto autores, José de Souza e Therezinha Oliveira, estes também abordaram de forma equivalente aos outros dois que apresentamos anteriormente, por isso, deixamos a caráter dos demais leitores

virem a fazer juízo ao que apresentamos e, se porventura houver sanado as dúvidas, ou se ainda permanecer alguma dúvida, estaremos nos disponibilizando a saná-las.

Mediante as quatro fontes de autores distintos sobre tal parábola, viemos a suprimir as citações da mesma parábola nos textos originais, realizando uma otimização da primeira citação que realizamos.

## **12. O Reino dos Céus está, ou não dentro de nós? O que realmente Jesus quis dizer com este ensinamento aos Fariseus de outrora e aos modernos?**

Neste tópico acontece algo interessante, quando se admiram os salvacionistas em dizerem que ficamos felizes com algumas argumentações deles que divergem, o que não é esta a intenção e se transparecemos este sentimento, desculpe-nos pela má impressão, pois, devemos tratá-los como gostaríamos que fôssemos tratados, mas fazemos isso graças à educação cristã que recebemos no Espiritismo.

Mediante a discussão deste tópico, há uma indagação feita pelos Fariseus que eram os religiosos ortodoxos judeus que davam muita importância aos atos exteriores e por este fim, transcrevo o seguinte registro:

*Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, Jesus lhes respondeu: **Não vem o reino de Deus com visível aparência. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus está dentro de vós.** (Lc 17:20)*

Acredito não ser necessária a citação até o verso 37, sendo este verso o encerramento da passagem da pregação, justamente aos fariseus, que esclarecemos os seus prosélitos no texto "**A fé sem obras está morta**". Jesus, nesta passagem alude aos demais clérigos de outrora, o ensinamento de que duros seriam os dias em que o mundo estaria pronto para receber o "reino de Deus", que não vinha um reino que desce do céu literalmente ou visivelmente, mas que os habitantes da Terra se elevaria à condição Moral necessária de alcançarem este reino (grau de consciência) que sempre esteve dentro de nós mesmos, desde o princípio com as Leis Divinas gravadas em nossas almas.

As grandes turbulências e advertências de Jesus eram simplesmente para o fim de um mundo velho e o nascimento de um novo mundo, a Nova Jerusalém que desceria, ou seja, que seria alcançada pela nossa elevação moral e espiritual. Os fariseus buscavam as aparências de um reino que não cultivavam dentro de si mesmos, por se preocuparem com questões de seus prosélitos, menosprezando a essência do sagrado dentro de si mesmos.

Os salvacionistas contestam o entendimento sobre esta passagem da seguinte forma: "O problema na doutrina espírita é ensinar que seremos salvos por nossos próprios esforços, e nisto entende equivocadamente que quando Cristo disse "O Reino de Deus está dentro de nós" (Lc 17:21), como se ele quisesse dizer que dentro de nós fosse nossos próprios esforços, conforme se afirma". Entendemos que essa justiça deverá estar dentro de nós, e a melhor dedução disto é que dentro de nós deva ser entendido como a fé, que é algo que está dentro de nós, apenas Deus pode saber o

quanto de fé cada um tem, sendo que se formos considerar que dentro de nós é a nossa justiça, manifestada por nossas obras, estas são coisas visíveis, contradizendo de imediato o versículo anterior (Lc 17:20) que diz que “*O reino de Deus não vem com aparência exterior.*” Posteriormente iremos comentar as aparências exteriores.

Para caráter de esclarecimento, voltamos ao assunto, acerca dessa justiça que deverá estar dentro de nós. Em outro passo do Evangelho, opina **Del Chiaro**, **Jesus afirma: Procurai em primeiro lugar o Reino dos Céus e a sua justiça e tudo o mais lhe será dado por acréscimo de misericórdia.** Ou conforme outros, lhe será acrescentado. Ora, o que Jesus falou sobre o Reino dos Céus, ou o Reino de Deus, que é uma só coisa? Ele disse que o Reino não vem com aparências exteriores, depois afirma: **O Reino de Deus está dentro de vós. Então essa justiça deverá estar dentro de nós.** Temos que ser justos e viver com justeza. Não se trata de julgamento jurídico, mas justeza, lealdade, compreensão, fraternidade, aceitação, amor. É ser o sal da terra e a luz do mundo.

Ajuntai para vos tesouros no céu, onde não enferrujam e nem o ladrão penetra para roubar. O Espiritismo ensina que não devemos ajuntar riquezas egoisticamente, mas sim em família. Entendamos que não se trata de família pelo sangue, mas família em humanidade. Kardec deixa bem claro que uma propriedade só é legítima quando foi adquirida sem prejuízo de ninguém.

A justiça que os salvacionistas interpretarem equivocadamente, não era as nossas próprias justiças como dizem, mas **o Reino dos Céus e a sua justiça.** Ou seja, a Justiça divina em nós mesmos que devemos procurar, foi exatamente o que Jesus nos recomendou a justiça, lealdade, compreensão, fraternidade, aceitação, amor. É ser o sal da terra e a luz do mundo.

Mediante o “aceitar Jesus” e o ponto que questionamos, dizem os salvacionistas que a resposta seria sobre quem aceitar Cristo já fazer parte do reino dEle. Com isso, em quase 2.000 anos de Cristianismo não vimos este reino simplesmente em aceitar Jesus, pois pelo palco da história da humanidade é que tem diversas provas de que este ponto de vista diverge, e muito, da realidade. Ora, mesmo sabendo que houve homens que praticaram verdadeiramente o Evangelho em suas vidas, vemos também que “aceitaram” Jesus os que promoveram as Cruzadas, o “Santo Ofício” da Inquisição, enfim, até em nome de Deus mataram. Isso revela que apenas aceitar não é o suficiente, é preciso se esforçar para a reforma íntima, amando ao próximo como a si mesmo e praticar o Evangelho em sua mais pura essência.

Ainda prosseguem os salvacionistas em dizer que “exteriormente falavam com a boca cheia que eram enviados em nome de Deus, porém seus corações, algo interior, não possuía a verdadeira fé em Cristo, que prega exatamente o contrário do que eles faziam”. Entretanto, exteriormente falavam o que queriam e todos falam o que querem para conseguir realizar os seus interesses mais escusos e obscuros, mas não praticam nada daquilo que pregam. É fácil identificar uma boa árvore pelos seus bons frutos, já que uma boa árvore não dá maus frutos e uma árvore má não dá bons frutos. **Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.** (Mt 7:20). É a orientação do Mestre de que será pelos bons ou maus frutos que iremos conhecer a árvore.

Partindo desta premissa e organizando o entendimento, de acordo com o Evangelho, nos dizem os salvacionistas que “as obras como resultado da verdadeira fé é algo que sempre defendem, porém, **as obras sem a fé, algumas são até visíveis de se perceberem, como nos maus exemplos acima**”. Não são obras sem fé. Isso é o que sempre defendemos e não há como fugir deste conceito que explanamos mais amplamente no texto “**A fé sem obras está morta**”. Se existem obras e “obras”, cabe-nos separá-las em boas obras e péssimas obras, tais como as exemplificadas acima. Dizer que todas as boas e más obras são obras, é dar um mesmo conceito para coisas completamente distintas. Por fim, os salvacionistas terminam o raciocínio de que apenas Deus tem conhecimento. **Pessoas que agem como se fossem perfeitos cristãos** mas que não tiveram seus corações verdadeiramente transformados, possuem apenas **aparência** de serem cristãos. Não poderia haver **Pessoas que agem como se fossem perfeitos cristãos** se praticassem os seus péssimos atos, **como nos maus exemplos acima**. O que argumentamos é que muitos enganam da boca para fora, mas que cedo ou tarde a máscara cai diante de seus maus exemplos e, como lobos travestidos de cordeiros nunca tiveram as atitudes de verdadeiros cristãos e somente a **aparência** de serem cristãos através dos comportamentos farisaicos de outrora e de hoje é que são evidenciados em seus atos, sendo extremante:

*gananciosos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a seus pais, ingratos, ímpios, sem afeição natural, implacáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando-lhe o poder. Afasta-te também desses. (II Tm 3:1-5).*

É isso que sempre defendemos, não há como conciliar um verdadeiro cristão com um falso profeta, quando pesamos as suas obras sabemos que a fraternidade não comunga com a ganância, que a humildade não coaduna com presunção e a soberba, que a exortação com sabedoria não coaduna com a blasfêmia e a perfídia, que honrar os pais nunca será o mesmo que a desobediência a eles, que a gratidão nunca estará atrelada a ingratidão e que o esforço não se coaduna com a indolência. Esta é a evidência das atitudes, mesmo que com a **aparência de piedade**, nunca serão cristãos verdadeiros, pois os seus atos em desacordo com o que pregam, os denunciam e mostram quem realmente são. Ademais, não há efeito sem causa, então, logo não haverá obras sem a fé.

O mais curioso disso tudo é que os salvacionistas dizem que “as boas obras não revelam apenas a verdadeira fé”. O que revela então? Se, são pelos frutos que conhecemos a árvore, que nos digam eles o que tudo isso nos revela. Nos apresente outra receita para separarmos as ovelhas dos bodes, senão a que o próprio Jesus apresentou (Mt 25:31-46).

Conseqüentemente, dizem os salvacionistas que muitas vezes pessoas fazem boas obras no entanto são apenas o que expus acima: Aparência. Aparências as boas obras? A aparência é para àqueles que praticam as iniquidades e fazem como que a aparência de piedosos, mas que não deixam de praticar todas as atitudes contrárias as que estão apresentadas no Evangelho e dá-las como boas obras, é o mesmo que

dizer que todos os exemplos das atitudes antagônicas, exemplificadas acima, são a mesma coisa.

Os salvacionistas ainda nos sugerem que: “ Em Mt 7:22-24. Veja que, naquele dia, muitos dirão a Cristo que muito trabalharam e boas obras fizeram. Profetizaram, expulsaram demônios, realizaram prodígios (milagres); e mesmo assim ficarão de fora no Grande Dia. **Como alguém conseguiria explicar isto, aquele irmão que tanto trabalhou para a obra, fez tantas coisas visíveis, ficar de fora?** Vamos ler primeiro o contexto da passagem, assim ela diz que:

*Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. **Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente que edificou a casa sobre a rocha. (Mt 7:22-24)***

Mediante toda a elucubração, fica-nos a impressão de que, mais uma vez este vem a querer passar a impressão de que o texto, in locu, menciona algo que, porventura nos suscita a algumas retificações, já que Jesus não poderia querer dizer que muito trabalharam e boas obras fizeram, arrematando o Rabi Galileu que “*nunca vos conheci, apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade*”. Algo soa muito controverso, mas a dúvida é logo sanada no desfecho da passagem que nos esclarece que “*Todo aquele, pois, que **ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente que edificou a casa sobre a rocha***”. É o que sempre defendi e sempre defendei. A verdade que há no texto é muito clara para querer dizer outra coisa, completamente distinta. O texto afirma que muitos profetizaram em nome de Jesus, expulsaram demônios em nome de Jesus e fizeram muitos milagres (prodígios) em nome de Jesus, mas o Mestre os classifica como os que praticavam iniquidades e não diz que boas obras fizeram. Senão, Jesus não os advertiria dizendo que praticavam a iniquidade. Ou seja, por conseguinte, uma réstia de luz nos esclarece que todo aquele que ouve as palavras do Mestre **e as põe em prática**, será comparado ao homem prudente que edifica a sua casa sobre a rocha e esta **pedra angular** chama-se **Jesus**. Jesus poderia condenar aqueles a quem praticavam o que ele recomendava fazer (Mt 25:31-46)? Creio que não!

No desfecho da proposta dos salvacionistas em colocarem no rol as boas obras como insuficientes para serem caráter de julgamento de cada um, estes encerram dizendo que “a resposta é a mesma para todos os tipos de pessoas e situações: Muitos que tiveram, durante toda a vida, a aparência de terem sido bons cristãos, muitos também ficarão de fora por terem tido a aparência de boas pessoas, bons cidadãos; pois, é isto mesmo que estes são: aparência!” Em qual texto diz que os bons cristãos que praticavam todas as recomendações do Mestre é que ficaram de fora? O que foi esclarecido anteriormente é que os que estavam pensando que estavam realizando as recomendações do Mestre, é que não colocavam os Seus ensinamentos em prática, e por este motivo que não estavam calcados sobre a Pedra Angular, por conseguinte, ficariam de fora, bem como a parábola dos bodes e das ovelhas (**Mt 25:31-46**).

Diante deste exemplo, se teríamos que nos esforçar para angariarmos a nossa salvação, não há dúvidas, Jesus apontou o caminho, cabe a nós fazer o que nos compete, fazendo ao próximo tudo o que gostaríamos que nos fizessem e esta é a Lei que encontramos no Evangelho, negá-la é negar os seus fundamentos. Todavia, os salvacionistas nos sugerem a seguinte passagem:

*"Guardai-vos de fazer as vossas boas obras **diante dos homens**, para serdes vistos por eles; de outra sorte não tereis recompensa junto de vosso Pai, que está nos céus." (Mt 6:1).*

E quem de nós busca a justiça dos homens? Eis a resposta em seqüência ao ignorado contexto:

*Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. **Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.** (Mt 6:2-4).*

Tal é a prática que é exortada por Aquele quem fundamentou estes pilares da prática do amor, sem buscarmos nos vangloriar diante dos homens, pois o Pai que vê em secreto e lhe recompensará em secreto. Todo e qualquer ato deve ser regido por amor e não por recompensas.

O que está claro nos textos acima, é que Jesus não poderia condenar àqueles que cumprem o que Ele mesmo recomenda fazer, que é amar ao próximo a si mesmo, se esforçando para entrar no Reino dos Céus e procurar a sua justiça. Esta justiça é a que está dentro de nós, como uma chama divina que nos impulsiona a amar incondicionalmente os mais pequeninos que carecem de alimento material e espiritual, tal como se a fizéssemos ao próprio Mestre que estaríamos realizando esta atitude, já que Ele ampara a estes pequeninos que carecem alimento material e espiritual, desde todo o sempre, assim como nos amou e exemplificou com os seus atos.

### **13. A Transubstanciação e a análise de Torres Pastorino**

Ainda prosseguem os salvacionistas dizendo que "o que purificará as nossas obras mortas de nossa consciência é o **sangue de Cristo** e, daí sim, sermos preparados para servirdes ao Deus vivo", mas em relação à frase de Jesus, sobre o "sangue derramado por vós", vamos recorrer ao Teólogo e Filósofo, catedrático em grego, hebraico e latim, **Carlos Torres Pastorino**:

#### **TRANSUBSTANCIAÇÃO**

*Mat. 26:26-29*

*26. Estando eles a comer, tomando Jesus um pão e tendo abençoado, partiu e deu aos discípulos, dizendo: "Tomai, comei, isto é o meu corpo".*

27. E, tomando uma taça e tendo dado graças, deu-lhes, dizendo: "Dela bebei todos,  
28. pois isto é meu sangue do testamento, derramado em relação a muitos para abandono dos erros.  
29. Digo-vos, porém, que não beberei desde agora deste produto da videira, até aquele dia quando o beberei convosco no reino de meu Pai".

Marc. 14:22-25

22. Estando eles a comer, tomando um pão e tendo abençoado, partiu e deu a eles, dizendo: "Tomai, isto é o meu corpo".  
23. E tomando uma taça, tendo dado graças, deu a eles e todos beberam dela.  
24. E disse-lhes: "Isto é o meu sangue do testamento derramado sobre muitos.  
25. Em verdade digo-vos que não mais beberei do produto da videira até aquele dia quando o beberei convosco no reino de Deus".

Luc. 22:15-20

15. E disse a eles: "Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco, antes de eu sofrer,  
16. pois vos digo que de modo algum a comerei até que se plenifique no reino de Deus".  
17. E tendo apanhado uma taça e tendo dado graças, disse: "Tomai isto e distribuí a vós mesmos,  
18. pois vos digo que, desde agora, não beberei do produto da videira até que venha o reino de Deus".  
19. E tomando um pão, tendo dado graças, partiu e deu a eles, dizendo: "Isto é o meu corpo que é dado para vós: fazei isto para lembrar-vos de mim"  
20. E do mesmo modo a taça, depois do jantar, dizendo: "Esta taça é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós".

""""Vejamos o texto literal, estudando-o quanto aos termos.

A expressão "desejei ardentemente" corresponde ao grego: *epíthymía epethymêsa*, literalmente: "desejei com grande desejo", tal como se lê em Gên. 31:30, versão dos LXX. "Até que se plenifique" (*héôs hótou plêrôthêi*) ou seja, até que atinja sua plenitude, sua amplitude total.

"Tomando um pão" (*labôn ártan*) sem artigo, do mesmo modo que mais adiante "tomando uma taça" (*labôn potêrion*) , onde Lucas (vs. 17) usa "tendo apanhado" (*dexámenas, de déchomai*).

"Tendo abençoado" (em Mateus e Marcos, *eulogêsas*) ou "tendo dado graças" (*eucharistêsas*) nos três narradores. Na realidade são quase sinônimos, pois a bênção consistia num agradecimento a Deus pelo alimento que ia ser ingerido, suplicando-se que fosse purificado pela Bênção divina (cfr. Êx. 23:25).

"Partiu o pão" (*éklase tòn árton*): era o hábito generalizado entre os judeus, quando à mesa o anfitrião tirava pedaços de pão e os distribuía aos convivas em sinal de amizade e deferência. "Tomai, comei" (*lábete, phágete*) sem copulativa "e" (*kai*). "Isto é o meu corpo" e "isto é o meu sangue" (*toúto estin tò*

sôma mou e touúto estin tò haímá mou). O pronome touúto é neutro e significa "isto". No entanto, surge a dúvida: não será neutro apenas para concordar com os substantivos sôma e haíma que também são neutros? Pela construção, mais adiante (João, 22:38) onde se lê: "este é o grande mandamento" (autê estin ho megálê entolê), pode interpretar-se que o pronome venha em concordância com os substantivos. Deveria então preferir-se a tradução: "este é meu corpo" e "este é meu sangue". Teologicamente, tanto "este" quanto "isto" exprimem a mesma idéia, embora 'isto' seja mais explícito para exprimir a transubstanciação.

"Sangue do testamento" (em Lucas: "do novo testamento") lembra Moisés (Êx. 24:8) quando esparziu o sangue dos bois sobre o povo, em que fala do "sangue do testamento" que muitos traduzem como "sangue da aliança" (cfr. Jean Rouffiac, "Recherches sur les Caracteres du Grec dans le Nouveau Testament d'après les Inscriptions de Priène", Paris, 1911, pág. 42). Lucas exprimiu a idéia de outra forma: "esta taça é o novo testamento em meu sangue" (touúto tò potêrion hê kainê diathêkê en tòi haímáti mou). A palavra grega diathêkê exprime literalmente as "disposições testamentárias", tanto no linguajar clássico quanto no popular (koinê), como vemos nas inscrições funerárias e nos "grafitti" da época. De qualquer forma, vemos, nessa frase, a abolição total dos sacrifícios sangrentos, pois as "disposições testamentárias" são feitas através do simbolismo do vinho transubstanciado no sangue.

O sangue "que é derramado" (tò ekchynnómenon), no particípio presente; portanto, simbolismo do vinho na taça, representando o que seria mais tarde derramado quando o sacrifício se realizasse no Calvário. O sangue que é derramado "em relação a muitos" (peri pollôn, Mat.) ou "sobre muitos" (hypêr pollôn, Marc.) ou "sobre vós" (hypêr hymôn, Luc). Também o pão, em Lucas, é dito "que é dado sobre vós" (tò hypêr hymôn didómenon). A taça (potêrion) utilizada era a comum destinada ao vinho, e o uso de agradecer a Deus e fazê-la passar por todos os convivas, já é assinalado quanto à "taça do Qiddoush" na Michna (Pesachim, 10).

A expressão "não mais beberei do produto da videira até o dia em que o beberei convosco no reino de Deus", se compreendêssemos como alguns fazem, o "reino de Deus" como sendo "o céu", nós teríamos irresponsivelmente um "céu" semelhante ao dos maometanos, com bons vinhos (lógico, os vinhos do céu não poderiam jamais ser ruins!) e talvez até com as célebres "huris".

No entanto, Loisy ("Les Evangiles Synoptiques, 1907/8, vol. 29, pág. 522) reconhece que o sentido literal das palavras desse trecho justificam plenamente o comportamento das igrejas cristãs desde os primeiros séculos.

Nesse "jantar pascal" Ele lhes deixará Suas "disposições testamentárias" (diathêkê), que consistem no ensino da transmutação da matéria ou transubstanciação; na ordem de realizar sempre as refeições em memória Dele; e nas últimas revelações e ensinamentos, promessas e profecias para o futuro da humanidade.

A razão é que, depois desse jantar, o Filho do Homem não terá outra oportunidade até que se plenifique o "reino de Deus", atingindo seu sentido

pleno e total. Já vimos que essa expressão "reino de Deus" ou "reino divino" ou "reino dos céus" ou "reino celeste" é equivalente às outras que tanto empregamos: reino mineral (matéria inorgânica), reino vegetal (matéria orgânica), reino animal (psiquismo), reino hominal (racionalismo), reino divino (Espírito). Então, o sentido exato das palavras pode ser: até que o Espírito esteja plenamente vigorando nas criaturas, estando superadas definitivamente todos os outros reinos inferiores. Enquanto não tenha sido atingido esse objetivo na Terra, não mais provará o Filho do Homem nem o jantar pascal, nem o produto (genémata) da videira. De acordo com o uso judaico, o chefe da casa parte pedaços do pão e dá a cada conviva um pedaço. O essencial da lição, a novidade, portanto, é a frase: "ISTO É O MEU CORPO". Há um ensino magistral nesse gesto e nessas palavras: o pão é o corpo crístico que serve de alimento à parte espiritual do homem, pois lhe sustenta os veículos inferiores durante a romagem terrena. Representação perfeita, sem que se precise chegar ao exagero de dizer que o "pão eucarístico" é, de fato, "o corpo, o sangue, a alma e a divindade, e os ossos de Jesus".

Deu-se a confusão porque não houve suficiente compreensão da distinção entre Jesus, o ser humano excepcionalmente evoluído, e o Cristo divino que Lhe era a essência última, como o é de todas as coisas criadas, visíveis e invisíveis. Assim como podemos dizer que Jesus é "o corpo do Cristo", porque o Cristo está nele, assim também pode dizer-se do pão (como de qualquer outra substância) que se trata, em verdade do "corpo do Cristo". Não foi o fato de ser abençoado que assim o tornou (não é a "consagração" na missa que transubstancia o pão em alimento divino), mas qualquer pedaço de pão, qualquer alimento, tem como essência última a Essência Divina, já que a Divindade É, enquanto tudo o mais EXISTE, ou seja, é a manifestação dessa mesma essência divina: tudo é a expressão exteriorizada dessa Divindade que está em tudo, porque está em toda a parte sem exceção. Por que terá o Cristo de Deus escolhido o pão? Mesmo não considerando que era (e é) o alimento mais difundido na humanidade, temos que procurar alcançar algo mais profundo.

Nas Escolas iniciáticas egípcias e gregas, o simbolismo é ensinado sob a forma da ESPIGA DE TRIGO; nas Escolas palestinas dá-se um passo à frente, apresentando-se o PÃO, que constitui a transubstanciação do trigo, após ter sido moído e cozido, símbolo já definido quando Melquisedec oferece pão ao Deus Altíssimo (Gên. 14:18). Assim como o trigo, produto da natureza, criação do Verbo, é transmutado em pão pelo sofrimento de ser moído e cozido, assim o pão se transmuda em nosso corpo após o sofrimento de ser mastigado e digerido. Então o pão se torna, pelo metabolismo, corpo humano, da mesma maneira que o corpo humano, após ser açoitado e crucificado, se transmutará em Espírito. Daí, pois, a expressão touto estin tò sôma mou ter sido traduzida por nós em "ISTO é o meu corpo, no sentido de ser aquilo que estava em Suas mãos não ser mais "pão": não era mais" este pão", mas "ISTO", pois sua substância fora transmutada simbolicamente. Logo a seguir temos que considerar o vinho. Apanhando de sobre a mesa uma taça de vinho (no original sem artigo) novamente agradece ao Pai a preciosa dádiva, e afirma igualmente: "ISTO é meu sangue do Novo Testamento". Tal como Moisés utilizou o sangue de bois como símbolo das disposições testamentárias de YHWH com o povo israelita, assim o Cristo apresenta, por meio de Jesus; o

vinho como símbolo das disposições testamentárias novas que são feitas pelo Pai à humanidade. Assim como o pão, também o vinho está mais avançado que a uva, símbolo utilizado nas Escolas iniciáticas egípcias e gregas. Ao invés do produto da videira (tal como a espiga produto do trigo) representava a transubstanciação da terra-mãe, que se transmudava em alimento. Mas na Palestina, um passo à frente, empregava-se o vinho, símbolo da sabedoria (vol. 1 e vol. 4) obtido também, como o pão, através da dor: a uva é pisada no lagar e depois o líquido é decantado por meio da fermentação.

Quanto à oferenda do pão e do vinho, como substitutos dos holocaustos sangrentos de vítimas animais, já a vemos executada como sublime ensinamento por Melquisedec, conforme lemos na Torah (Gên. 14:18): *vemalki-tsadec meleq salem hotsia lehem vaiiam vehu kohén leel hheleion*; e nos LXX: *Melchisedek, basileús salêm, exênegke ártous kai óínon, hên dè hiereús tou theóu hypsístou, ou seja: Melquisedec, rei de Salém, ofereceu pão e vinho, pois era sacerdote do Deus altíssimo*". Aí, pois, encontramos a origem dos símbolos escolhidos pelo Cristo, por meio de Jesus, que era precisamente "sacerdote da Ordem de Melquisedec" (Hebr. 6:20) e que, com o passo iniciático que deu no Drama sacro do Calvário, se tornou "sumo sacerdote da mesma ordem" (Hebr. 5:7-10; cfr. vol. 6). A indicação de uma Escola sacerdotal, portanto, é mais que evidenciada: o sacerdócio do Deus Altíssimo (não de YHWH) é exercido por Melquisedec, Hierofante máximo da ordem que tem seu nome, da qual fazem parte Jesus e outros grandes avatares. Essa Ordem de Melquisedec é conhecida atualmente como a Fraternidade Branca, continuando com o mesmo Hierofante, o "Ancião dos Dias", o Deus da Terra, o Pai místico de Jesus, o único que, na realidade, neste planeta, tem o direito de ser chamado "pai" (Mat. 23:9).

Então entendemos em grande parte qual a meta a que somos destinados: onde está o Pai, de onde Jesus proveio e para onde estava regressando (João, 13:1 e 3), pois o desejo maior de Jesus é que vamos para onde foi: "que onde eu estou, vós estejais também" (João, 17:24). Mas tudo isso será estudado com Suas próprias palavras nos próximos capítulos.

Essa interpretação explica a expressão: "não mais beberei o produto da videira" ou "comerei a páscoa", até quando convosco o faça no reino (na casa) do Pai: compreende-se, porque se trata da Terra, e não do "céu".

**O sangue, foi dito em Mateus, é derramado em relação a muitos para "abandono dos erros" (eis áphesin tôn hamartiôn). Inaceitável a tradução "remissão dos pecados", pois até hoje, quase dois mil anos depois, continuam os "pecados" cada vez mais abundantes na humanidade. Que redenção é essa que nada redimiu?**

Lucas tem uma frase de suma importância, que é repetição de Paulo (1.ª Cor. 11:24 e 25), tanto em relação ao pão, quanto em relação ao vinho: "fazei isto em recordação de mim, todas as vezes que o beberdes" (toúto poieíte eis tèn esmên anámnêsin hosákis ean pínete). Quem fala é O CRISTO. Daí podermos traduzir com pleno acerto: "fazei isto para lembrar-vos do EU" que, em última análise, é o CRISTO INTERNO.

*Nem o grego nem o latim podiam admitir a construção permitida nas línguas novilatinas, que podem considerar o pronome pessoal como substantivo, antepondo-lhe o artigo: o eu, do eu, para o eu; em virtude das flexões da declinação, eram forçados a colocar o pronome nos casos gramaticais requeridos pela regência. Daí as traduções possíveis nas línguas mais flexíveis: "em minha memória", ou "em memória de mim" ou mesmo, em vista do conjunto do ensino crístico, "em memória DO EU". Confessamos preferir a última: "para lembrar-vos DO EU" que se refere ao Cristo Interno que individua o ser. Sendo porém o Cristo que falava, nada impede que se traduza: em minha memória, ou "para lembrar- vos de mim".*

*Portanto, pão e vinho representam, simbolicamente, o corpo e o sangue do Eu profundo, do Cristo; a matéria de que Se reveste para a jornada evolutiva no planeta.*

*Há mais um ponto importante a focalizar: é quando diz: "fazei isto em memória de mim, TODAS AS VEZES QUE O BEBERDES".*

*Então não se trata apenas de uma cerimônia religiosa com dia e hora marcados: mas todas as vezes que nos sentarmos a uma mesa, para tomar qualquer alimento, todas as vezes que comermos pão ou que bebermos vinho, devemos fazê-lo com a certeza de que a essência divina (que constitui a essência desse alimento sob as formas visíveis e tangíveis transitórias) penetra em nós para sustentar-nos, transsubstanciando-nos em Sua própria essência, transformando nosso pequeno "eu" personativo em Seu Eu profundo, no Cristo interno que nos sustenta a vida.*

*Por isso devemos tornar instintivo em nós o hábito de orar todas as vezes que nos sentarmos à mesa: uma prece de agradecimento (eucharistia), de tal forma que qualquer bocado deglutido se torne uma comunhão nossa com a Essência Divina contida em todos os alimentos e em todas as bebidas, quaisquer que sejam, inclusive no ar que respiramos, pois "em Deus vivemos, nos movemos e existimos" (At. 17:28).*

*Temos que considerar (e já foi objeto de estudos desde a mais alta antiguidade) que havia duas partes totalmente destacadas e distintas na prática dessa "ação de graças" em relação à comida e à bebida: uma era ensinada aos fiéis comuns, para neles despertar o sentimento de fraternidade real; a outra era reservada aos componentes da Escola iniciática Assembléia do Caminho. Tratemos inicialmente da primeira. Vejamos apenas alguns textos que confirmem o que afirmamos, para que o leitor forme um juízo. Quem desejar aprofundar-se, consulte a obra de Joseph Turmel, "Histoire des Dogmes", Paris, 1936, páginas 203 a 525 (são 322 páginas tratando deste assunto). A cerimônia destinada aos fiéis em geral consistia num jantar (o termo grego deípnon designava a refeição principal do dia, realizada geralmente à noite, tanto que muitos traduzem como "banquete" e outros como "ceia"). Em diversos autores encontramos referências a esse jantar, que Paulo denomina deípnon kyriakon ("jantar do Senhor").*

*Esse tipo de refeição em comum, de periodicidade semanal, já se tornara habitual entre os judeus devotos. Iniciava-se com a passagem por todos os presentes da "Taça do Qiddoush", que continha o vinho da amizade pura. Era uma cerimônia de sociedades reservadas, mantenedoras das tradições orais (parádôsis) dos ensinamentos ocultos, de origem secular, que com suas transformações e modificações resultou naquilo que hoje tem o nome de Maçonaria. Nessa refeição comia-se e bebia-se à vontade, só sendo rituais a taça de vinho inicial com sua fórmula secreta de bênção, o pão também abençoado e depois partido e distribuído pelo que presidia, e a taça final de vinho; cada um desses rituais era precedido e seguido de uma prece, de cujos termos exotéricos a Didachê conservou-nos um resquício "cristianizado" posteriormente. Mas a base é totalmente judaica. A ordem desse cerimonial foi-nos conservada inclusive pelo evangelho de Lucas (ver acima vers. 17, 19 e 20).*

*PAULO DE TARSO (1.ª Cor. 11:20-27) afirma que recebeu o ritual diretamente do Senhor. E neste ponto repete as palavras com a seguinte redação: "O Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou um pão e, tendo dado graças (eucharistêsas) partiu e disse: Isto é o meu corpo em vosso favor (toúto mou estin tò sôma tò hypèr hymôn); fazei isto em memória de mim. Igualmente também a taça depois do jantar, dizendo: Esta taça é o novo testamento no meu sangue; fazei isto todas as vezes que beberdes, em memória de mim."*

*Ora, esse texto da carta aos coríntios é anterior, de dez a vinte anos, à redação escrita de qualquer dos Evangelhos. E isso é de suma importância, pois foi Lucas quem escreveu essa epístola sob ditado de Paulo, que só grafou a saudação final. Logo, aí se baseou ele na redação de seu Evangelho.*

*Nessa mesma carta Paulo avisa que, no jantar, devem esperar uns pelos outros, pois se trata de uma comemoração: quem tem fome, coma em casa (ib. 11:34) e não coma nem beba demais, como estava ocorrendo entre os destinatários da missiva, pois enquanto uns ficavam com fome, outros já estavam embriagados. PEDRO (2.ª Pe. 2:13) ataca fortemente o desregramento e a devassidão dos sensuais ao banquetear-se com os fiéis.*

*Vemos, pois, a interpretação de algo mais profundo que o simples "jantar"; e isso é mais explicitamente comentado por IRINEU, no ano 180 ("De Sacrificio Eucharistiae", 4, 17, 5), onde escreve: Sed et suis discipulis dans consilium primitias Deo offerre ex suis creaturis, non quasi indigenti sed ut ipsi nec infructuosi nec ingrati sint, eum qui ex creatura panis est, accepit et gratias egit, dicens: Hoc est meum corpus. Et cálicem similiter, qui est ex ea creatura, quae est secundum nos suum sanguinem confessus est, et novi testamenti novam docuit oblationem, quam ecclesia ab apóstolis accípiens, in universo mundo offert Deo, ei qui alimenta nobis praestat, primitias suorum múnere in novo testamento, isto é: "Mas, dando também a seus discípulos o conselho de oferecer a Deus as primícias de suas criaturas, não como a um indigente, mas para que eles mesmos não fossem infrutíferos nem ingratos, tomou da criação aquele que é o pão, dizendo: Isto é o meu corpo. E igualmente a taça que é daquela criatura que, segundo nós, confessou ser seu sangue, e ensinou a nova oblação do novo testamento; recebendo-a dos apóstolos, a igreja oferece, no mundo inteiro, a Deus, àquele que nos fornece os alimentos, primícias de*

suas dádivas no novo testamento". *Aí, portanto, temos uma interpretação bastante ampla: o alimento ingerido com ação de graças é um atestado vivo de gratidão a Deus, pelo sustento que Dele recebemos; os quais alimentos, sendo criações Suas, representam Seu corpo, isto é, são a manifestação externa de Sua essência que subestá em tudo. Mas outro autor vai mais longe: CLEMENTE DE ALEXANDRIA, no ano 200, escreve (Strommateis, 5,10; Patr. Gr. vol. 9, col. 100/101): "Segundo os apóstolos, o leite é a nutrição das crianças, e o alimento sólido é a nutrição dos perfeitos (teleisthai, "iniciados"). Entendamos que o leite é a catequese, a primeira nutrição da alma, que a nutrição sólida é a contemplação (epoptía) que vê os mistérios. A carne e o sangue do Verbo (sárkes autai kai haíma tou Lógou) é a compreensão do poder e da essência divina ... Comer e beber (brôsis gar kai posis) o Verbo divino, é ter a gnose da essência divina (hê gnôsis estí tês theías ousías)".*

*Clemente de Alexandria compreendia bem os mistérios cristãos porque fora iniciado em Elêusis antes de ingressar na Igreja. Por isso explica melhor, com os termos típicos da Escola Eleusina. Dele ainda temos (Pedagogia, 1, 6; Patr. Gr. vol. 8, col. 308): "O Cristo, que nos regenerou, nutrenos com Seu próprio leite, que é o Verbo ... A um renascimento espiritual corresponde, para o homem, uma nutrição espiritual. Estamos unidos, em tudo, ao Cristo o Somos de sua família pelo sangue, por meio do qual nos libertou. Temos sua amizade pelo alimento derivado do Verbo (dià tèn anatrôphên tèn ek tou Lógou) ... O sangue e o leite do Senhor é o símbolo de sua paixão (páthein) e de seu ensino". E mais adiante (Pedag. 2, 2; Patr. Gr. vol. 8 col. 409): "O sangue do Senhor é dúplice: há o sangue carnal com o qual nos libertou da corrupção; e há o sangue espiritual (tò dè pneumatikós) do qual recebemos a cristificação. Beber o sangue de Jesus significa participar da imortalidade do Senhor". *Aí temos o pensamento e a interpretação desse episódio, cujo símbolo já fora dado também no protótipo de Noé, citado pelo próprio Jesus (cfr. vol. 6), quando o patriarca se inebriou com o vinho da sabedoria. Na ingestão do vinho oferecido em ação de graças, nosso Espírito se inebria na união crística, participando da "imortalidade do Senhor". Trata-se, pois, da instituição de um símbolo profundo e altíssimo, que aqueles que dizem REVIVER O CRISTIANISMO PRIMITIVO não podem omitir em suas reuniões, sob pena de falharem num dos pontos básicos do ensino prático do Mestre: não é possível "reviver o cristianismo primitivo" sem realizar essa comemoração. Evidentemente não se trata de descambar para os rituais de Mitra, como ocorreu outrora pela invigilância dos homens que "paganizaram" o cristianismo. Mas é fundamental que se realize aquilo que o Mestre Jesus ordenou fizéssemos: TODAS AS VEZES que coméssemos pão ou bebêssemos vinho, devemos fazê-lo em oração de ação de graças, para lembrar-nos Dele e do Eu, do Cristo Interno que está em nós, que está em todos, que está em todas as coisas visíveis e invisíveis; do Qual Cristo, o pão simboliza o corpo, e o vinho simboliza o sangue, por serem os alimentos básicos do homem: o pão plasmando seu corpo, o vinho plasmando seu sangue (1) .**

*(1) Esdrúxulo deduzir daí que o corpo de Jesus não era de carne. Contra isso já se erguera a voz autorizada de João o evangelista em seu Evangelho (1:14) e em suas epístolas (1.ª João, 4:2 e 2.ª João, 7) e todas as autoridades cristãs desde os primeiros séculos (cfr. Tertuliano, De Pudicicia, 9 e Adversus Marcionem, 4:40, onde escreve: "Tendo (o*

*Cristo) tomado o pão e distribuído a seus discípulos, Ele fez seu corpo (corpus suum illum fecit) dizendo: Isto é o meu corpo, isto é a figura de meu corpo (hoc est corpus meum dicendo, id est figura cörperis mei). Ora, não haveria figura, se Cristo não tivesse um corpo verdadeiro. Um objeto vazio de realidade, como é um fantasma, não comportaria uma figura. Ou então, se Ele imaginasse fazer passar o pão como sendo seu corpo, porque não tinha corpo verdadeiro, teria devido entregar o pão para nos salvar: teria sido bom negócio, para a tese de Marcion, se tivessem crucificado um pão!"* (PASTORINO, Sabedoria do Evangelho, vol. VII)

Eis aí explicação e tradução fidedigna de **Pastorino**, que não deixa dúvidas sobre o assunto. A morte de Jesus não livra ninguém do pagamento dos seus erros, já que Ele disse: **"a cada um segundo suas obras"**. A idéia de que o sangue de Cristo remiu nosso pecado é a manutenção da idéia que tinham os hebreus sobre os sacrifícios de expiação pelo pecado. Sacrificavam um touro ou um cordeiro ou cabrito querendo com isso obter o perdão de Javé. Supunham que, satisfeito com o cheiro de carne assada, pois não era mais que isso, Javé os perdoariam dos seus pecados. Assim, associaram essa idéia ao ocorrido com Jesus, que se transformou para alguns "no cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo".

As penas eternas e o argumento ignorado é uma linha que seguimos na página um e dois, e ao que parece continuou sendo ignorado, porém, ainda gostaria de obter os comentários do salvacionista a título de esclarecimento, já que silenciam com o que dissemos quando apresentamos que **Torres Pastorino** vem a traduzir que se alguém se magoa, no lugar de irar, mostra que existe o homicídio moral que é passível de resgate doloroso, mas possível. Conforme a gravidade da falta é a severidade da pena. Seguindo a linha de **Pastorino**, este ainda prossegue esclarecendo que quem se magoa, fica ressentido e não perdoa, não esquece, mesmo ficando calado, perde a sintonia interna com Deus que é amor. Quando nos iramos e dizemos falsidades ou ofensas contra o nosso adversário e induzimos as pessoas a um juízo errôneo sobre ele, baseado no que dele falamos, somos responsáveis por um comprometimento coletivo, resgatado no vale de lágrimas (planeta Terra) e através da nova oportunidade da reencarnação que nos dá uma nova chance de reparação e reconciliação com o nosso próximo e com a Justiça Divina.

Muitos salvacionistas confrontam a análise de Pastorino sobre a transubstanciação com a passagem de Hb 9:14-17. Eles dizem que o que purificará as nossas obras mortas de nossa consciência é o sangue de Cristo e, daí sim, sermos preparados para servirdes ao Deus vivo. Entedemos que o sangue de Cristo tem um significado não literal que iremos demonstrar nas linhas abaixo. Antes disso, vamos a passagem.

*quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará das obras mortas a vossa consciência, para servirdes ao Deus vivo? E por isso é mediador de um novo pacto, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões cometidas debaixo do primeiro pacto, os chamados recebam a promessa da herança eterna. **Pois onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador.***

***Porque um testamento não tem força senão pela morte, visto que nunca tem valor enquanto o testador vive. (Hb 9:14-17)***

Após a citação de Hb 9:14-17, concluem os salvacionistas que a nossa colocação possa ser deduzida em prol do que é o assunto em foco, de que temos que nos salvar, por nossos próprios esforços, ainda mais considerando que, como há um **testamento**, e testamento sempre é deixado aos filhos e, filhos são apenas os que crêem em Jesus (Jo 1:12), **não há como coadunar tais versículos com o espiritismo, que ensina a salvação universal, de todos.**

Quando os salvacionistas dizem que **não há como coadunar tais versículos com o espiritismo, que ensina a salvação universal, de todos.** Estaria ele se referindo ao oposto do que ensina a **Parábola da Ovelha Perdida**, bem como **Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos (Mt 18:14)**. Uma reflexão nos remete a vontade do Pai que todos se salvem e que nenhuma ovelha se perca (Lc 19:10), mas que todos sejam resgatados, neste, ou em outro Orbe Celeste. Ademais, *Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. (Jo 3:17)*. Ao menos que o mundo se refira a alguns, aí os salvacionistas estariam com a razão de suas elucubrações exclusivistas.

O que significa para os salvacionistas e os demais leitores que Jesus purificou “as nossas obras mortas de nossa consciência”? Como seria essa purificação e conscientização? Pelo sangue derramado, ou pelos atos praticados e orientados à sua prática? A resposta a esta questão dá a entender o cerne do tópico que mesmo que Jesus tenha se oferecido, se nós não buscarmos a reforma íntima, não haverá conscientização e muito menos a nossa redenção de nossas imperfeições, reafirmando pela simples frase no princípio de que **“Realmente Jesus veio nos resgatar pelo seu evangelho vivo na transformação de nossas atitudes”**. É o que dissemos e sustentamos, que se não buscarmos transformar as nossas imperfeições em virtudes, ou seja, se não buscarmos a conscientização (salvação) diária, não poderemos ser conscientizados (ser salvos). Um depende do outro, o querer buscar e o que quer nos outorgar. É o encontro do filho pródigo com o seu Pai de braços abertos, conforme está claro na **Parábola do Filho Pródigo**.

Após o desfecho dos salvacionistas sobre a passagem de Hebreus, estes nos deixam um questionamento: “E agora, continuam com o apoio do Sr. Pastorino abandonando o que outrora havia escrito sobre Hebreus 9:14-17?” Continuamos, não somente com a posição de ambas colocações esclarecidas acima nas simples e claras palavras, mas também no aguardo para que nos aponte onde estamos nos contradizendo, já que apenas aventou a possibilidade sem nos apresentar as provas.

A partir da investida desses mesmos salvacionistas, estes ainda citam Pastorino, dizendo que: Ele afirma que "Sangue do testamento" (em Lucas: "do novo testamento") lembra Moisés (Êx. 24:8) quando esparziu o sangue dos bois sobre o povo, em que fala do "sangue do testamento" que muitos traduzem como "sangue da aliança" (cfr. Jean Rouffiac, "Recherches sur les Caracteres du Grec dans le Nouveau Testament d'après les Inscriptions de Priène", Paris, 1911, pág. 42). Após a citação dos salvacionistas deste trecho que lhes interessam do texto de Pastorino, estes continuam dizendo que “consideram os termos equivalentes, porém ficamos com a

expressão “sangue do testamento”, e tal palavra entra diretamente no foco do que escrevemos em outra postagem e trouxe logo acima novamente. Testamento, conforme definição do dicionário Michaelis, *Ato personalíssimo, unilateral, solene, gracioso e revogável, pelo qual a pessoa dispõe, total ou parcialmente, dos seus bens, com observância das prescrições legais a respeito, e **estabelece deveres e direitos que devem vigorar depois de sua morte***. Sabe-se que testamento não é deixado a todos, apenas aqueles que foram escolhidos, e escolhidos biblicamente somente aqueles que aceitam a Cristo”. Esta parte grifada pelo em nada diz o que não havíamos afirmado, todavia, como bem deixamos a Parábola da Ovelha Perdida para que os salvacionistas a comente, aguardaremos para saber: para Deus é mais importante ir à busca das 99 ovelhas de seu aprisco? Ou, se é à ovelha desgarrada que Jesus veio lançar mão? Neste intento, aguardaremos as explicações.

Um fato interessante dos salvacionistas, é que o trecho retirado do texto do Pastorino e comentado a favor de seus interesses, todavia, este se “esquecem” de citar a explanação do mesmo autor que explica da seguinte forma do parágrafo mutilado:

*Lucas exprimiu a idéia de outra forma: "esta taça é o novo testamento em meu sangue" (toúto tò potêrion hê kainê diathêkê en tôi haímati mou). A palavra grega diathêkê exprime literalmente as "disposições testamentárias", tanto no linguajar clássico quanto no popular (koinê), como vemos nas inscrições funerárias e nos "grafitti" da época. **De qualquer forma, vemos, nessa frase, a abolição total dos sacrifícios sangrentos, pois as "disposições testamentárias" são feitas através do simbolismo do vinho transubstanciado no sangue.***

Ou seja, nem é preciso que venhamos a afirmar a parte grifada do texto da obra **Sabedoria do Evangelho (Volume VII)**, pois é exatamente o que sempre afirmamos sobre o entendimento de tal passagem e o pior é ter que ler coisas do tipo: “o apoio buscado no filósofo e teólogo acabará por contradizer você mesmo”. Será mesmo? Ou é apenas a intenção do articulista? Os fatos testificam e falam por si.

O que ainda depreendemos de Testamento, são os Evangelhos e as demais epístolas, sendo este patrimônio da humanidade pelo alto grau de elevação dos ensinamentos morais e universais, contidos principalmente no Sermão da Montanha, ao qual Gandhi afirma que **se tudo se perdesse, mas se mantivesse a parte do Sermão, nada haveria se perdido** pelo puro teor de moral contido.

Os que tentam separar esta verdade das demais sublimes almas que vêm estes ensinamentos evangélicos e Universais, é simplesmente porque dão mais ênfase as liturgias de determinadas escolas religiosas do que do ensino universal em si. Contudo, este foi o motivo de Carlos Juliano Torres Pastorino abandonar a ordem eclesiástica da Igreja Católica, pois o Papa Pio XII rejeitou receber Ghandi em seu traje como uma túnica branca comum, mesmo com a admiração deste profeta indiano que venceu a potência da Inglaterra sem uma arma sequer em punho. Tendo em vista tal recusa, surge a célebre frase do mesmo simples Gandhi: “Aceito o Cristo, mas não o Cristianismo”.

Partindo desta análise, prosseguem os salvacionistas em nos dizer que “o Sr. Pastorino não nos refuta, antes concorda, quando afirmamos que o sangue, citando Pastorino: “que é derramado” (tò ekchynnómenon), no particípio presente; portanto, simbolismo do vinho na taça, representando o que seria mais tarde derramado quando o sacrifício se realizasse no Calvário. O sangue que é derramado “em relação a muitos” (perì pollôn, Mat.) ou “sobre muitos” (hypèr pollôn, Marc.) ou “sobre vós” (hypèr hymôn, Luc). Também o pão, em Lucas, é dito “que é dado sobre vós” (tò hypèr hymôn didómenon)...” e desfecham com o comentário: “Muitos”, ou “vós” quem? Se fossem todos, daí o espiritismo teria razão ao afirmar que todos um dia alcançarão a perfeição através das sucessivas e “esforçadas” reencarnações”. Só que há uma retificação ao comentário dos salvacionistas que “esqueceram” de colocar o desfecho do parágrafo de onde eles retiraram tal trecho, onde este assim termina: ...A taça (potêrion) utilizada era a comum destinada ao vinho, e **o uso de agradecer a Deus e fazê-la passar por todos os convivas, já é assinalado quanto à “taça do Qiddoush” na Michna (Pesachim, 10).** Ou seja, o trecho retirado não tem nada a ver com a reencarnação e logo em seguida a mutilação do desfecho nos remete que “sobre vós” é referente aos apóstolos com Jesus na ceia.

Ademais, o exemplo deixado pelo Mestre é para alcançar toda a Terra, tendo em vista o seu Evangelho vindo a transformar a todos que se dispusessem a fazê-lo pelo arrependimento de suas más inclinações e prática das virtudes exemplificadas por Ele, bem como e *Ihes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para **remissão de pecados a todas as nações**, começando de Jerusalém. (Lc 24:46-47).*

O Mestre ainda afirmou que:

*Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que **se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus (Jo 3:3).***

Ou seja, **ninguém** poderá “ver o reino de Deus” (elevar-se ao grau de espírito puro) se não nascer de novo! Já que a Reencarnação é uma lei natural (v. 12 **do mesmo capítulo**), **todos** estão sujeitos a tal lei, assim como Jesus também galgou todos os degraus evolutivos (v. 13 **do mesmo capítulo**).

Nos deparamos com a seguinte frase dos salvacionistas: O autor cita que “a razão é que, depois desse jantar, o Filho do Homem não terá outra oportunidade até que se plenifique o “**reino de Deus**”, atingindo seu sentido pleno e total. **Já vimos que essa expressão “reino de Deus” ou “reino divino” ou “reino dos céus” ou “reino celeste” é equivalente às outras que tanto empregamos: reino mineral (matéria inorgânica), reino vegetal (matéria orgânica), reino animal (psiquismo), reino hominal (racionalismo), reino divino (Espírito)**”. Daí questionam os salvacionistas: perguntamos: Já vimos? Onde?” Se os críticos conhecessem a obra **Sabedoria do Evangelho (VIII Volumes)**, não seria preciso citar, todavia, demonstraremos aos leitores para caráter de exame em corroborar o “**reino de Deus**” com o **reino divino (Espírito)** na concepção de Torres Pastorino, sendo este quem utilizou tais expressões, todavia, os salvacionistas ainda não a podem ter pesquisado na obra do renomado autor. Entretanto, concernente na sua obra Sabedoria do Evangelho; Volume VI; pp. 76 a 78, no que tange a passagem de Jesus e as Crianças (Mt 19:13-

15; Mc 10:13-16 e Lc 18:15-17), Pastorino faz uma explanação sobre a expressão “reino de Deus”, quando disse que **Já vimos que essa expressão**. Ou seja, o autor já havia abordado sobre tal assunto no volume anterior, somente isso e os salvacionistas parecem ter entendido outra coisa completamente diferente. Faltou mais atenção!

Diante de tantos comentários sem provas, meras opiniões, mutilações em textos, enfim, concluem os salvacionistas que “o restante preferimos nem comentar, pois aborda temas que nada tem a ver com o tópico, como “corpo de Cristo”, fazendo analogias com o “pão”, “espiga de trigo”; “sacerdócio de Melquisedeque”. Se estes não comentam nada mais sobre o texto que trouxemos, cabe-nos a certeza de que não o obrigaremos a fazê-lo, antes fundamentamos ainda mais o que acreditamos no simbolismo da Transubstanciação.

Todavia, o sacerdócio de Melquisedeque nos dá uma interessante passagem com desfecho ao comentário do crítico, no qual citamos:

*A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado **tardios em ouvir**. Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido. Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. **Mas o alimento sólido é para os adultos**, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal. (Hb 5:11-14).*

Mediante o desfecho dos salvacionistas, entendemos que nem todos estão preparados para o alimento sólido, todavia, não é o que esperamos de nossos leitores ao qual tentamos esclarecer mais este assunto.

Diante de tudo o que foi dito e esclarecido neste tópico, encerram os salvacionistas retornando “ao ponto em que estamos conversando, onde ainda aborda sobre o sangue para remissão dos pecados. **A rejeição à correta tradução de “remissão dos pecados” é apenas subjetiva**. Se rejeitam esta tradução por continuarem, até hoje, existindo pecados cada vez mais abundantes na humanidade **a mesma dificuldade existe se a tradução for “correção dos defeitos”**, por também existirem pecados cada vez mais abundantes na humanidade”. Diante de nossa explanação sobre a correta tradução de “remissão de pecados” ser como a “correção dos defeitos”, o que fizemos foi apenas inferir que uma terceira pessoa não poderia realizar o que nós mesmos temos que fazer, ou seja, corrigir os nossos próprios defeitos através do modelo no Evangelho de Jesus em prática. Isso é mais claro do que subjetivo, tanto que pudemos esclarecer a Transubstanciação, em conformidade com o texto de Torres Pastorino e as demais parábolas.

#### **14. Ezequiel combate o pecado original e as penas eternas**

Sobre tal tópico, entendemos que a análise do capítulo 18 de Ezequiel, em conjunto com os exemplos do Cego de Nascimento e do Homem Coxo nos Evangelhos que estão no texto “**O Diálogo entre Jesus e Nicodemos**” e nossa autoria.

O nosso esclarecimento sobre Ezequiel nos remete uma responsabilidade individual para as conseqüências de nossos atos, os salvacionistas concordam que as responsabilidades de nossos atos caem sobre nós mesmos quando eles dizem que: “concordamos que este capítulo de Ezequiel trata, sim, sobre as responsabilidades pessoais de nossos atos, bons ou maus, **mas inclue-se também nestas responsabilidades aceitar ou rejeitar a Salvação oferecida gratuitamente**”. Onde diz em Ezequiel 18 sobre a aceitação, ou a rejeição da salvação oferecida gratuitamente pelo dogma do sacrifício vicário? É o que veremos mais adiante quando os salvacionistas nos sugerem:

*De novo veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Que quereis vós dizer, citando na terra de Israel este provérbio: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram? Vivo eu, diz e Senhor Deus, não se vos permite mais usar deste provérbio em Israel. Eis que todas as almas são minhas; como o é a alma do pai, assim também a alma do filho é minha: **a alma que pecar, essa morrerá. Sendo, pois o homem justo, e procedendo com retidão e justiça.** (Ez 18:1-5)*

Segue explanação dos salvacionistas, caro leitor que “este versículo apenas corrobora o que vemos tentando mostrar, a **alma que pecar, essa morrerá**, assim como Cristo disse: “...e todo aquele que vive, e crê em mim, **jamais morrerá** (Jo 11:26). Cristo (e nós também), perguntamos: Crês nisto?” A pergunta dos salvacionistas é um tanto quanto sem sentido com a passagem por eles citada, pois que Jesus havia perguntado a Marta após a ressurreição de Lázaro se ela acreditava que Jesus era o Filho de Deus e o que havia de vir, ou seja, o Messias e nós acreditamos.

O que está implícito nesta passagem caro leitor, é que o profeta combate às maldições hereditárias quando cita Jeremias (Jr 31:29) e diz que **Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram? Vivo eu, diz e Senhor Deus, não se vos permite mais usar deste provérbio em Israel.** Quando os demais Judeus acreditavam na literalidade da passagem de Ex 20:5-6 e aplicavam-na como sendo que os filhos herdariam a responsabilidade dos atos dos pais, porém tanto Jeremias quanto Ezequiel combatem esta ideia e põe por terra esta teoria das maldições hereditárias.

Após o salto do 5º ao 10º verso, os salvacionistas não nos passam como seria a recomendação de Ezequiel para que os demais certamente viverão, todavia, seguem as recomendações “esquecidas”:

*não comendo carne sacrificada nos altos, nem levantando os olhos para os ídolos da casa de Israel, nem contaminando a mulher do seu próximo, nem se chegando à mulher na sua menstruação; não oprimindo a ninguém, tornando ao devedor a coisa penhorada, não roubando, **dando o seu pão ao faminto e cobrindo ao nu com vestes**; não dando o seu dinheiro à usura, não recebendo juros, desviando a sua mão da injustiça e fazendo verdadeiro juízo entre homem e homem; **andando nos meus estatutos, guardando os meus***

**juízos e procedendo retamente, o tal justo, certamente, viverá, diz o senhor Deus. (Ez 18:6-9).**

Seguem aí as recomendações para que viva o justo que proceder retamente os estatutos do Pai, sendo um deles em conformidade com o que Jesus recomenda (Mt 25:31-46): **dando o seu pão ao faminto e cobrindo ao nu com vestes**. Sendo assim, prosseguem os salvacionistas mais abaixo:

***e que não cumpra com nenhum desses deveres, porém coma sobre os montes, e contamine a mulher de seu próximo, oprima ao pobre e necessitado, pratique roubos, não devolva o penhor, levante os seus olhos para os ídolos, cometa abominação, empreste com usura, e receba mais do que emprestou; porventura viverá ele? Não viverá! Todas estas abominações, ele as praticou; certamente morrerá; o seu sangue será sobre ele. Eis que também, se este por sua vez gerar um filho que veja todos os pecados que seu pai fez, tema, e não cometa coisas semelhantes. (Ez 18:10-14)***

E mediante tal citação, nos explicam os salvacionistas que “este versículo continua afirmando que, se tal pai gerar um filho obediente, e que não proceder segundo as obras de seus pais, este viverá, **o que apenas ratifica que a Salvação é individual, pois se os pais não creem em Cristo não significa que o filho estará condenado, pois o filho será condenado ou salvo se ele aceitar ou não o sacrifício vicário**”. O interessante é que a passagem que foi grifada no verso 10 é posterior a nossa citação anterior dos versos 6º ao 9º. Tanto que seguem como preceitos que devem ser praticados de individualmente e responsabilizados individualmente.

Outro ponto interessante é que os salvacionistas dizem que **o filho será condenado ou salvo se ele aceitar ou não o sacrifício vicário**. Onde no texto afirma esta questão de Sacrifício Vicário, se Jesus nem havia vindo ainda? O que fica evidenciado são outros estatutos já citados (Ez 18:6-9). Diante disso, os salvacionistas encerram a análise desta passagem: “ainda não vimos nada que infira neste textos reencarnação pois até agora apenas têm mostrado as responsabilidades pessoais dos atos de cada pecador. Aliás, não apenas não vimos nada sobre reencarnação como nega veemente tal doutrina, uma vez que para quem proceder segundo más obras que fizer, nada resta a não ser a condenação (a alma que pecar, essa morrerá). Nada diz que haverá mais chances em futuros reencarnes para que possa proceder segundo a reta justiça e, assim, viver, senão nesta própria vida”. Uma coisa ficou bem clara, o tópico não trata de reencarnação e nem aceitação do sacrifício vicário, pois há outros em específico para tal tema sobre a Reencarnação, já citamos o exemplo do Homem Coxo e não é preciso repetir que:

***Depois Jesus encontrou-o no templo, e disse-lhe: Eis que já estás são; não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior. (Jo 5:14).***

Todavia, o que fica evidenciado é que as maldições hereditárias já eram preceitos ultrapassados e errôneos naquela época, porém, ainda sustentados por muitos nos dias de hoje. Esclarecido a temática, prosseguem os salvacionistas mais adiante. Todavia, há o não comentário às passagens dos versos 15 ao 17 que são praticamente idênticos aos estatutos dos que foram “esquecidos” outrora.

*Quanto ao seu pai, porque praticou extorsão, e roubou os bens do irmão, e fez o que não era bom no meio de seu povo, eis que ele morrerá na sua iniquidade. Contudo dizeis: Por que não levará o filho a iniquidade do pai? Ora, se o filho proceder com retidão e justiça, e guardar todos os meus estatutos, e os cumprir, certamente viverá. A alma que pecar, essa morrerá; **o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai levará a iniquidade do filho, A justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele.** Mas se o ímpio se converter de todos os seus pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e proceder com retidão e justiça, certamente viverá; não morrerá. De todas as suas transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele; pela sua justiça que praticou viverá. (Ez 18:18-22)*

A partir da citação, nos dizem os salvacionistas que “idem acima, principalmente pela parte final, que explica todo o contexto: **Mas se o ímpio se converter de todos os seus pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e proceder com retidão e justiça, certamente viverá; não morrerá. De todas as suas transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele; pela sua justiça que praticou viverá.** Como conciliar a parte sublinhada com a necessidade de viver novamente para apagar suas faltas passadas, já que este diz que quem se converter de seus pecados nenhuma de suas transgressões será lembrada contra ele? A resposta que daremos é sintomática:

*E, passando o Senhor por diante dele, clamou: **Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado,** e visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até a terceira e quarta geração. (Ex 34:6-7).*

Ademais, nós espíritas também concordamos que Deus promete perdoar a todos, já que este é **longânimo e grande em misericórdia**, porém, vale ressaltar que o perdão **não inocenta o culpado**. Sendo assim, como já explanamos anteriormente, Deus concede o perdão à alma arrependida, mas **não inocenta o culpado**, principalmente se este voltar a os praticar (**Jo 5:14**).

Assim como com o exemplo do Homem Coxo que, mesmo tendo sido curado de uma paralisia infantil que certamente não tivera seus atos na infância que corroborassem com a tese da unicidade de uma vida encarnada somente, Jesus o adverte:

*Depois Jesus encontrou-o no templo, e disse-lhe: **Eis que já estás são; não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior.** (Jo 5:14).*

É nesta tecla que batemos, pois não adianta sermos curados, “aceitarmos” Jesus, se continuarmos com os nossos defeitos e delitos em desacordo com as Leis Divinas, pois se voltarmos a cometer tais faltas já advertidas, certamente iremos colher os frutos que colhemos nesta, ou na próxima encarnação, derrubando a tese das penas hereditárias, bem como **o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai levará a iniquidade do filho, A justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele.**

E prosseguindo os salvacionistas, estes citam:

*Tenho eu algum prazer na morte do ímpio? diz o Senhor Deus. Não desejo antes que se converta dos seus caminhos, e viva? (Ez 18:23)*

E os salvacionistas disse-nos que: “você pararam no versículo 23. Versículo 24 em diante: mas, desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo a iniquidade, fazendo conforme todas as abominações que faz o ímpio, **porventura viverá?** De todas as suas justicas que tiver feito não se fará memória; pois pela traição que praticou, e pelo pecado que cometeu ele morrerá. Dizeis, porém: O caminho do Senhor não é justo. Ouvi, pois, ó casa de Israel: Acaso não é justo o meu caminho? não são os vossos caminhos que são injustos? Desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo iniquidade, morrerá por ela; na sua iniquidade que cometeu morrerá. Diante disso, em resumo, nós havíamos dito que se as transgressões e boas obras não são responsabilidades de antepassados que nos precederam dando-nos a responsabilidade de seus atos, nem tampouco o Cristo levaria sobre si a responsabilidade de nossos atos, senão, nos veio resgatar da prisão do nosso ego ainda que enraizado no materialismo.

Foi esta a intenção de citar o capítulo 18 de Ezequiel e o que nos parece que em nenhum momento fomos refutados neste quesito, antes foi desviado para o assunto da reencarnação que não foi aventado neste tópico. Tanto que ainda iremos prosseguir, até mesmo para que entendam o que defendemos que convém aqui testificar que esta punição dos pais sobre os filhos era uma idéia errônea que foi duramente combatida por Jeremias e Ezequiel, sendo que é o resultado lógico de princípios de causa e efeito idênticos aos da física newtoniana, não implicando por isso uma ação direta de Deus. Isto pode ser traduzido numa analogia básica: **quem coloca os dedos numa tomada elétrica sofre um choque, não porque foi "castigado", mas porque esse é o efeito correspondente à sua ação;** os atos praticados no cotidiano obedecem às mesmas regras, traduzidas para um nível espiritual individualizado. Haja vista que certamente o plantio é livre, mas a colheita é obrigatória e não se colhe figos de espinheiros, já disse o Mestre.

O caráter de responsabilização ética pelos atos individuais (causa e efeito) é um conceito fundamental do Judaísmo e Espiritismo. O processo de correção assenta essencialmente nesta necessidade de gradualmente emendar e corrigir os defeitos da alma para assim se poder evoluir espiritualmente. Esta correção passa por um processo genuíno de admissão dos erros, arrependimento honesto, restituição sempre que tal seja viável. Vide o exemplo da **parábola do Filho Pródigo** também ensinada pelo Mestre.

Todavia, prosseguem os salvacionistas: “em primeiro lugar, Ezequiel 18 trata sobre as **responsabilidades pessoais** de nossos atos, mas não nega as **consequencias** que atos de nossos pais possam trazer sobre nossas vidas. Bom, analisando este argumento, se os erros são **responsabilidades pessoais**, logo as **consequencias** destes mesmos erros são individuais e que **nunca** que tais atos de nossos pais possam trazer sobre nossas vidas tanto bons ou maus frutos à colher, bem como **o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai levará a iniquidade do filho, A justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele.**

Desta maneira exemplificamos o Homem Coxo (**Jo 5:14**) e seu entendimento que corrobora com o que temos dito neste e em outros tópicos.

Mediante toda a análise do tópico sobre a passagem de Ezequiel, tão logo, adiante os salvacionistas prosseguem dizendo e repetindo as mesmas coisas já comentadas e que iremos parar por aqui, para que não possamos mergulhar de ver num assunto que não tem a ver com a reencarnação, já que há outros textos que tratam de tal temática. Houve ainda uma tentativa de arrematar uma “destruição” para esta lei natural (**Jo 3:12**). Todavia, como já bem dissemos, crer ou não nela, não faz com ela deixe de existir. E em desfecho as elucubrações dos salvacionistas. Eles concluem dizendo que “Deus, misericordioso como É, e não desejando que houvesse a morte de alguém, estabeleceu a necessidade de sacrifícios constantes, pois sabia que pelos próprios esforços ninguém conseguiria alcançar a Salvação”. Vale ressaltar que os sacrifícios da Torá não eram para a salvação dos demais Judeus e sim para a purificação.

## **15. O sentido de salvação apresentado por Jesus a Zaqueu**

Partindo para o nosso último sub tópico, adentramos ao conceito de salvação que abordamos anteriormente com a Parábola do Bom Samaritano, a Parábola do Mordomo Infiel e para completar, a parábola da Ovelha Perdida. Tendo em vista tais abordagens e análises, adentraremos na evidência de tal conceito de salvação que é justamente o de conscientização para as retas atitudes em conformidade com o Evangelho de luz, vindo a nos trazer a reflexão final sobre a relevância de todos os princípios que Jesus nos deixou e a suma importância para que possamos estar firmes na rocha, alicerçada na Pedra Angular que é o nosso Mestre.

Neste intento, repasso aos leitores, mais esta análise que se refere ao **publicano Zaqueu**. Todavia, antes de iniciarmos a explanação, iremos trazer informações sobre o que representavam os publicanos na antiga Jerusalém na época de Jesus, conforme o **Capítulo III da Introdução do Evangelho Segundo o Espiritismo** que assim reza:

***Publicanos - Eram assim chamados, na antiga Roma, os cavalheiros arrendatários das taxas públicas, incumbidos da cobrança dos impostos e das rendas de toda espécie, quer em Roma mesma, quer nas outras partes do Império. Eram como os arrendatários gerais e arrematadores de taxas do antigo régimen na França e que ainda existem nalgumas legiões. Os riscos a que estavam sujeitos faziam que os olhos se fechassem para as riquezas que muitas vezes adquiriam e que, da parte de alguns, eram frutos de exações e de lucros escandalosos. O nome de publicano se estendeu mais tarde a todos os que superintendiam os dinheiros públicos e aos agentes subalternos. Hoje esse termo se emprega em sentido pejorativo, para designar os financistas e os agentes pouco escrupulosos de negócios. Diz-se por vezes: "Ávido como um publicano, rico como um publicano", com referência a riquezas de mau quilate.***

*De toda a dominação romana, o imposto foi o que os judeus mais dificilmente aceitaram e o que mais irritação causou entre eles. Dai nasceram várias revoltas, fazendo-se do caso uma questão religiosa, por ser considerada contrária à Lei. Constituiu-se, mesmo, um partido poderoso, a cuja frente se pôs um certo Judá, apelidado o Gaulonita, tendo por principio o não pagamento do imposto, Os judeus, pois, abominavam a este e, como consequência, a todos os que eram encarregados de arrecadá-lo, donde a aversão que votavam aos publicanos de todas as categorias, entre os quais podiam encontrar-se pessoas muito estimáveis, mas que, em virtude das suas funções, eram desprezadas, assim como os que com elas mantinham relações, os quais se viam atingidos pela mesma reprovação. **Os judeus de destaque consideravam um comprometimento ter com eles intimidade.** (KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Introdução) (grifo nosso).*

Em conformidade com o que apresentamos no ESE, repassamos aos demais leitores a definição do Dicionário Bíblico de **Zaqueu** que significa:

***Puro** - O incidente em que figura Zaqueu é referido em **Lc 19.1 a 10**. A sua posição era a de superintendente dos cobradores de tributos, estando ele próprio sujeito a um superior romano. Zaqueu era judeu, e Jesus lhe chama 'filho de Abraão', para nos fazer ver que mesmo a sua ocupação não o punha fora da comunidade de Israel. O vivo desejo de ver Jesus era mais alguma coisa do que simples curiosidade - doutra forma não teria ele tão prontamente respondido ao convite do Mestre. Jesus tinha chegado a Jericó, indo em direção a Jerusalém para a celebração da Páscoa. Jericó, pela razão das suas palmeiras e jardins de balsamina, era nesta ocasião um distrito muito florescente, provindo deste fato tornar-se Zaqueu um homem rico. (**Dicionário Bíblico**) (grifo nosso).*

Partindo de tais definições que julgo pertinentes, adentro no evento do encontro de Jesus e Zaqueu, ao qual relaciono abaixo:

*Tendo Jesus entrado em Jericó, ia atravessando a cidade. **Havia ali um homem chamado Zaqueu, o qual era chefe de publicanos e era rico.** Este procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, porque era de pequena estatura. E correndo adiante, subiu a um sicômoro a fim de vê-lo, porque havia de passar por ali. Quando Jesus chegou àquele lugar, olhou para cima e disse-lhe: **Zaqueu, desce depressa; porque importa que eu fique hoje em tua casa. Desceu, pois, a toda a pressa, e o recebeu com alegria. Ao verem isso, todos murmuravam, dizendo: Entrou para ser hóspede de um homem pecador. Zaqueu, porém, levantando-se, disse ao Senhor: Eis aqui, Senhor, dou aos pobres metade dos meus bens; e se em alguma coisa tenho defraudado alguém, eu lho restituo quadruplicado. Disse-lhe Jesus: Hoje veio a salvação a esta casa, porquanto também este é filho de Abraão. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido. (Lc 19:1-10)***

Após as definições históricas no ESE sobre os publicanos na época em que Jesus esteve conosco, assim como o significado do nome próprio Zaqueu no dicionário Bíblico, nós viemos a chegar à conclusão de que por ele ser um publicano e por que a maioria destes eram vistos como defraudadores, eram maus vistos pelos judeus em sua época. Neste intento, Zaqueu já havia ouvido falar de Jesus e este queria estar na casa dele, colocando assim o preconceito dos demais judeus de sua

época por terra. Todavia, Zaqueu verificou e reconheceu em **suas atitudes** que ***Eis aqui, Senhor, dou aos pobres metade dos meus bens; e se em alguma coisa tenho defraudado alguém, eu lho restituo quadruplicado.*** Portanto, era não somente acreditar em Jesus e sim mudar o comportamento em praticar as verdades contidas no Evangelho, reconstruindo a sua má conduta, doando com amor os seus bens e restituindo a todos aqueles a quem prejudicou, sendo este o grau de conscientização ao qual abordamos anteriormente e pelo qual Jesus arremata: ***Hoje veio a salvação a esta casa, porquanto também este é filho de Abraão.*** Ou seja, Jesus havia testemunhado a conscientização de Zaqueu e pela sua atitude, disse que a salvação já estava presente, não somente para ser num ato somente que deveria ser entendida, já que era necessário andar na prática do Evangelho, bem como "*Eis que já estás são; não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior (Jo 5:14)*".

Com a explanação acima, fica claro que **Jesus veio buscar e salvar o que se havia perdido.** Como a parábola do Filho Pródigo, o Pai sempre estará de braços abertos ao filho que retorna para a sua casa e busca a mudança de seus atos, pois este não deixa de aprender com a lição da experiência vivenciada.

#### **\* Considerações Finais**

Mediante tudo o que buscamos abordar em todos os pontos levantados pelos salvacionistas, neste tópico, e o ensejo de responder às dúvidas dos leitores acerca da parábola do Mordomo Infiel, pensamos que chegamos ao objetivo em tudo o que comentamos e os novos pontos que trouxemos, são igualmente pertinentes ao tema deste texto. Destarte, não iremos nos ater em longas mensagens daqui a diante, senão em pontos que julgamos que merecem ainda mais os nossos comentários e explanações que acreditamos ter esclarecido nas duas últimas postagens.

Todavia, não queremos de forma alguma impor nossas convicções a ninguém, nem muito menos solicitar que as pessoas mudem de religião para serem salvos, ou que ainda venham a aceitar a Jesus, sabendo que muitos aqui já o aceitam no seu dia-a-dia, por meio de atos que são condizentes com o Evangelho.

Neste intento, dizem os salvacionistas que "o mesmo Evangelho que diz crer, é claro de que Jesus não se transformou para alguns "no cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo". a revelia. **Não, não foi designado por "alguns", mas por João Batista, o suposto Elias reencarnado.** Apenas esta afirmação de João Batista já põe por terra toda a teoria das sucessivas vidas, nos fazendo lembrar como era feita a expiação dos pecados na Velha Aliança e hoje, com o Cordeiro de Deus". Mediante a frase que nos faz refletir, pois "**podemos discordar sem distorcer**" e este foi o meu objetivo caro leitor, discordar dos salvacionistas em alguns pontos e nunca procurar distorcer o cerne de suas opiniões. Sendo assim, colocamo-nos à disposição dos demais leitores, para que façam a análise de toda a argumentação, que estaremos dispostos a esclarecer algo que não ficou claro.

Entretanto, sobre a Transubstanciação e a visão da remissão de pecados, esta foi apresentada em detalhes. Isto significa que devemos nos esforçar para adentrar à

porta estreita das virtudes, assim como Jesus nos fundamenta dizendo que, em relação ao reino de Deus, **todo homem forceja por entrar nele**. Ainda que os salvacionistas não concordem que se “esforçam a cada dia para melhorarem em mais e mais reencarnações”.

Mesmo sabendo que a reencarnação é uma lei natural (**Jo 3:12**). Sabemos que é necessária tal lei, a fim de chegarmos à plenitude da prática do Evangelho que sabemos ser impossível alcançarmos todas estas mesmas virtudes, em uma vida somente e que nenhuma delas nos será concedida se não nos esforçarmos em praticá-las. Isso, sempre defendemos e não se trata de crença, mas do que encontramos no Evangelho e qualquer crença que pregar o oposto, nós devemos voltar à essência dos ensinamentos do Mestre a fim de testá-la. **Este é o objetivo da Doutrina Espírita, reviver a essência dos ensinamentos de Jesus, colocar estes ensinamentos sempre em primeiro lugar, incentivando-nos em buscar mudar o nosso mundo interior e, somente assim mudaremos o mundo em que vivemos.**

Thiago Toscano Ferrari  
Janeiro / 2007  
(Revisado Outubro / 2013)

---

#### **Referências bibliográficas:**

- Bíblia Sagrada*, Editora Ave Maria, São Paulo, SP, 68ª edição, 1989.  
*Bíblia de Jerusalém*, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.  
*Bíblia Sagrada*, Edição Pastoral, Paulus, São Paulo, SP, 43ª edição, 2001.  
*Bíblia Sagrada*, São Paulo: SBB, 2000.  
KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.  
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.  
KARDEC, A. *A Gênese*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.  
CALLIGARIS, Rodolfo, *Parábolas Evangélicas*, Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1987.  
PASTORINO, Carlos J. Torres, *Sabedoria do Evangelho*, volume VII, Rio de Janeiro/RJ: Revista Mensal, 1970.  
GODOY, Paulo A., *As Maravilhosas Parábolas de Jesus*, São Paulo, SP: FEESP, 1991.  
ALMEIDA, José de Souza, *As Parábolas de Jesus nos dias de hoje*, São Paulo: DPL, 2001.  
OLIVEIRA, Therezinha, *Parábolas que Jesus contou e valem para sempre*, Campinas, SP: CEAK, 2003

[1] Análises dos textos bíblicos em português, inglês e grego extraído do site (<http://www.blueletterbible.org/>).